



# AS CORES PRIMÁRIAS

ARIEL F. HITZ





# DADOS DE COPYRIGHT

---

## SOBRE A OBRA PRESENTE:

**A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO**

---

## SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

**O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMÍNIO PÚBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.**

---

**"QUANDO O MUNDO ESTIVER  
UNIDO NA BUSCA DO  
CONHECIMENTO, E NÃO MAIS  
LUTANDO POR DINHEIRO E  
PODER, ENTÃO NOSSA  
SOCIEDADE PODERÁ ENFIM  
EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."**

---



# AS CORES PRIMÁRIAS

ARIEL F. HITZ



Copyright © Ariel Hitz  
Editoras: Nathalia Perrone e Juliana Reis  
Capa: Fernanda Marques  
Diagramação: Victoria Mendes  
Revisão: Lívia Ferreira  
Leitura crítica: Camila Paiva

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**

H676c	Hitz, Ariel
	As cores primárias / Ariel Hitz. - Rio de Janeiro, RJ : Caligari, 2021. 162 p. ; 16cm x 23cm.
	ISBN: 978-65-89476-26-9
	1. Literatura brasileira. 2. Romance. I. Título.
2021-1807	CDD 869.89923 CDU 821.134.3(81)-31

**Elaborado por Odílio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949**

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Literatura brasileira: Romance 869.89923
2. Literatura brasileira: Romance 821.134.3(81)-31

Todos os direitos reservados  
Editora Caligari é uma marca da CJT EDITORA E TECNOLOGIA  
LTDA  
CNPJ: 22.061.126/0001-09  
Rua Mário Portela, 106 – Laranjeiras  
Rio de Janeiro – RJ  
CEP: 22241-000  
É proibida a reprodução deste livro sem a prévia autorização do  
autor.

PARA JOÃO W. NERY, qinhe, mas mudou a  
minha vida para sempre e todo mundo sabe que,  
historicamente, todo homem trans veio da costela do  
João W. Nery, então obrigado

Eu e o João sabemos como é  
fácil se sentir sozinho no mundo,  
mas esperamos que, com essa  
história, você perceba que há pessoas  
que darão ao universo [e um pouco mais!]  
pela você.

Um abraço do  
Aziel F. Hitz

# SUMÁRIO

## Azul

- 1.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.
- 6.
- 7.
- 8.
- 9.

## Amarelo

- 1.
- 2.
- 3.
- 4.
- 5.
- 6.
- 7.
- 8.
- 9.
- 10.

11.

Vermelho

1.

2.

3.

4.

5.

6.

Agradecimentos



# AZUL

“If someone does not want me it is not the end of the world. But if I do not want me, the world is nothing but endings.”

— NAYYIRAH WAHEED

1.



ELE RI.

De todas as reações possíveis que passaram em minha mente nas últimas horas, rir não estava na lista.

Mas Leonardo está rindo.

Eu apenas o encaro. Não sei como reagir. Não sei o que está passando em sua mente — e acho que não quero saber.

Está frio. Tão frio que penso que, assim que começar a chorar, as lágrimas vão congelar. Sei que vou chorar. Tenho pensado nisso desde que saí de casa, mais cedo. Mas não quero que seja na frente desse homem.

No minuto em que o teste de gravidez deu positivo, soube que Leo não reagiria bem. Mas eu não imaginei, em nenhum momento, que ele estaria rindo.

— Qual é a graça? — pergunto, me sinto como uma criança boba. É a pior sensação que eu poderia ter no momento.

Vou ter uma criança, não posso, de maneira alguma, me sentir como uma.

Leonardo balança a cabeça, incrédulo, olhando em volta.

Nós estamos dentro de uma lanchonete. O cheiro de fritura está em todo lugar. A garçonete nos escara feio porque tudo o que pedimos foi uma garrafa de água.

“Vocês não podem ficar aqui sem consumir nada” Mariana, como informava em seu crachá, nos disse.

Leonardo, perdendo a paciência só de estar ali comigo, resmungou: “Traz uma água sem gás, então”.

A garrafinha está intacta no meio da mesa.

Mariana se encontra atrás do balcão, ajeitando o cabelo pelo reflexo do vidro da geladeira. Ela lança pequenos olhares em minha direção, provavelmente achando que eu não percebo.

Minha vontade é de sair correndo. Mas não posso fazer isso.

— É engraçado — Leonardo diz, sem realmente olhar para mim. Com os cotovelos apoiados na mesa, um sorriso sem emoção no canto do lábio — Você me trouxe aqui para inventar uma história sem sentido.

— Eu estou grávido. — repito. — Não tem graça nenhuma nisso.

— Beleza. — Diz, irônico, como se eu tivesse dito que estava chovendo de ponta cabeça — Você pode até estar grávido, mas não é meu. Tenho certeza.

— Você não estava tão bêbado assim. Não tem como ter esquecido.

Me encolho, tanto de frio quanto de vergonha. Lembro apenas de fragmentos daquela noite, há quase três meses.

Eu fui tão insignificante que ele sequer lembra do que fizemos?

Sou tão esquecível assim?

Na ocasião, achei o Leonardo bonito. Agora, a cada segundo que passamos aqui, ele fica mais e mais feio.

— Não é meu. — fala, passando a mão pelo cabelo. — Como pode ter tanta certeza que é meu?

— Você é a única pessoa que eu... Digo, a única pessoa que poderia me engravidar que me envolvi nesse ano. É seu. Tenho certeza.

E é verdade.

Naquela noite, no final de maio, meu amigo decidiu me levar junto em uma festa na casa de um garoto que ele estava interessado.

O tal garoto se chama Bernardo. Quando fui apresentado para ele, Leonardo estava logo atrás, quase como se esperasse por mim. Segurando duas latinhas de cerveja na mão, me ofereceu uma. Eu lembro que pensei sobre não haver a possibilidade de rejeitar algo que aquele homem me oferecesse.

Alto, bronzeado, cabelo preto e raspado nas laterais, dentes perfeitamente brancos, bem alinhados, jaqueta de couro falso, tênis de marca, relógio e colar com pingente brilhante que parecia valer mais do que a minha casa. Quando foi que alguém assim se mostrou interessado em mim?

Cheguei a me sentir inferior a ele, especialmente sendo uns quinze centímetros mais baixo. Meus 1,62 nunca me favoreceram muito, mas, ao lado de Leonardo, eu parecia tão minúsculo quanto uma formiga. Ele poderia muito facilmente pisar em mim.

Acabei em uma rodinha de conversa, com Leonardo ao meu lado. Ele sorria e seu braço esbarrava “acidentalmente” em mim de tempos em tempos. Quando minha cerveja acabou, me ofereceu outra. “Vou junto”, eu disse. Ah, se eu soubesse que ir junto significava uma conversa meio bêbada de dez minutos no meio da cozinha... Se eu soubesse que, na volta, ele me empurraria de brincadeira para o quarto de visitas e eu o beijaria sem realmente pensar nas consequências.

Se eu soubesse que ele corresponderia não apenas aos meus beijos como a outras coisas...

— Tenho certeza que você é o pai, Leo.

Minha voz sai quase como um sussurro, um pedido de desculpas.

Por que eu estou pedindo desculpas?

— Não, não é. — ele fala, ríspido, então se curva para frente, os braços cruzados em cima da mesa. Neste momento, não consigo entender o que me atraiu nele. Ele não é nada charmoso — E mesmo se for, não vou mover um dedo pra te ajudar nisso. Nem se quiser tirar a criança ou qualquer coisa. Isso não é problema meu. Esse troço tá crescendo em você, não em mim. Eu não estou nem aí.

Um bolo se forma em minha garganta.

Sinto que vou vomitar. Sei que não é consequência da gravidez ou porque comi algo estragado.

É a coisa mais cruel que alguém disse para mim.

— Você... — engulo em seco. Eu não vou chorar. — Você não pode...

— Ah, eu posso.

— Mas eu...  
— É você quem está.... Com isso. Eu não fiz nada.  
— Você é o pai.  
— Eu não sou pai de ninguém. Muito menos de algo que está dentro de você.

Ele diz a última palavra com nojo. Está bravo, isso é óbvio.

Bravo comigo.

— Eu não fiz isso sozinho, sabe. — murmuro, tão baixo que penso que ele não ouviu. Não acredito que precisei informar um fato tão lógico.

— Isso é um problema seu.

Ele se levanta.

Sei que tudo termina aqui.

Leonardo chuta a cadeira e, sem dizer qualquer outra palavra, vira de costas para mim.

Ele não olha para trás, mas eu o sigo com os olhos. Vejo como seus ombros estão tensos, da maneira que passa a mão no cabelo enquanto atravessa a porta da lanchonete.

Olho para a garrafa de água intocada no meio da mesa. Abro, bebo um longo gole. A garçonete — Mariana, me lembro — deixou o pequeno cardápio ali. Eu o fito, as letras não me dizem absolutamente nada. Mal consigo me lembrar onde estou.

Encaro a cadeira que Leonardo deixou vazia. Tento não pensar na velhinha do outro lado da lanchonete que parou de comer batatas fritas para me olhar atravessado, muito menos nas duas adolescentes que bebem refrigerante e comentam aos sussurros sobre a maneira como Leo foi embora.

Preciso me levantar para pagar a água antes de sair dali.

Mariana me passa o troco em completo silêncio. Ela não me olha feio mais, como fez quando viu que eu não consumiria nada da lanchonete. Pelo contrário: parece estar com pena.

Trocamos um olhar, mas ninguém diz nada.

Eu quero sumir.

2.



A PRIMEIRA COISA que faço assim que me sento no banco do ônibus é chorar.

Encosto a cabeça no vidro da janela e ignoro todos os olhares curiosos. A pessoa sentada ao meu lado — uma adolescente com cabelo vermelho em um rabo de cavalo — se mexe desconfortavelmente quando solto o primeiro soluço. No minuto seguinte, ela se levanta. Ninguém se senta ao meu lado mais.

Fico sozinho. De novo.

Limpo meu nariz na manga do moletom. Não sei exatamente o que estava esperando de Leonardo. Conforto? Compreensão? Empatia? Ele não me deu nada disso.

Abraço a mim mesmo.

Talvez, só talvez, eu não esteja tão sozinho.

Pelas pesquisas que fiz, aborto espontâneo é muito comum até o terceiro mês. Alguns médicos recomendam não comemorar, nem planejar nada antes disso. Noite passada, me agarrei a essa ideia: me livrar da... Coisa que cresce dentro de mim. Não conseguia — e ainda não consigo — chamar de bebê. Não consigo sequer materializar a ideia de estar grávido.

A coisa tem o tamanho de uma uva. 2,5 centímetros. 1,9 gramas. É praticamente insignificante. Quão fácil é destruir uma uva?

Eu nem saberia que ele está aqui, dentro de mim, se não fosse os dois testes de gravidez que comprei na farmácia, as mudanças em meu corpo ou os enjoos que tenho sentido há semanas.

Como algo tão pequeno já afetou tanto a minha vida?

Encosto a cabeça no assento à minha frente, buscando qualquer coisa que me apoie. Respiro fundo. Preciso pensar no que fazer. Preciso organizar os pensamentos.

Pelo meu celular, vejo que é 10:22. Fico encarando os números, tão insignificantes quanto o peso e o tamanho do... Feto.

A hora se transforma em 10:23. Logo em seguida, a tela do meu celular é bloqueada por inatividade.

Eu estou grávido.

Repito mentalmente uma, duas, três vezes.

No momento, há duas pessoas no mundo todo que sabem sobre isso. Três, se contar o atendente da farmácia que olhou para mim com cara de “Ainda tem dúvidas?” quando, com cara de choro, fui comprar o segundo teste de gravidez.

Ontem, antes de meu pai chegar em casa, usei toda a canela do armário para fazer chá. A internet toda conta que é um método abortivo. Eu precisava ao menos tentar. Faria de tudo para resolver aquele problema, me livrar daquilo.

Enquanto escondia, bem no fundo do lixo, as caixas dos testes, sacolas da farmácia, até mesmo a nota fiscal das compras, a chaleira estava no fogão. Ouvi o som da água fervendo, mas não consegui sair do lugar.

Vergonha, medo, confusão.

Com a xícara de chá na mão, eu chorei.

Chovia lá fora. Não uma chuva calma, boa para uma tarde de leitura ou um cochilo fora de hora. Uma chuva caótica, barulhenta.

Joguei todo o chá pelo ralo da pia.

Quero algo mais forte, pensei.

Meu pai finge que não, mas sabe que eu estou a par das bebidas escondidas em seu guarda-roupa, atrás das caixas de sapato. Ele nunca disse nada quando algumas de suas garrafas sumiram magicamente.

Um vidro de vodca ainda fechado e um conhaque quase no fim. Escolhi a vodca.

Com o trinco da porta na mão, decidi voltar para pegar o conhaque também.

Segundos depois, meu estômago estava todo revirado.

Bebi apenas alguns goles. Nunca fui de beber, quem eu queria enganar? O gosto forte me deixa enjoado, ainda mais aquelas bebidas que meu pai compra. Depois de anos como viciado, ele mal deve sentir aquele sabor forte de arranhar a garganta.

Eu me vi ali, chorando e vomitando na pia da cozinha.

Joguei fora tudo o que sobrou. O álcool, os métodos abortivos que a internet me indicava... Nada me ajudaria. Não realmente. Eu sabia disso.

Porque, na verdade, eu sequer sabia o que queria. Ou o que deveria fazer.

Minha cabeça começou a girar mais do que o estômago. Caí no chão, tentando me agarrar em qualquer móvel. Que cena patética. Grávida aos dezenove anos, sem ao menos estar em um relacionamento.

Naquele ponto, já tinha ligado os pontos. Sabia quem era o culpado daquilo, da minha gravidez. É claro que eu também participei, mas não consegui não sentir raiva de Leonardo. Se eu nunca tivesse conhecido ele, se eu nunca tivesse aceitado ir àquela festa, se ele nunca tivesse sorrido para mim daquela forma...

Mais do que nunca, me sinto enjoado.

Desbloqueio a tela do celular.

A mensagem que eu mandei para Leonardo, às 5:17 da tarde do dia anterior, tinha apenas quatro palavras:

**preciso conversar com voce.**

Eu ainda estava no chão da cozinha quando enviei isso.

Às 5:21, escrevi uma mensagem mais longa.

**sei que nao conversamos ha mais de um mes, mas é importante. eu preciso falar com vpce**

**voce\***

**é importante**

**por favor, me responde assim que puder**

Foi só às 8:57 que recebi uma resposta:

☒ **Ok, pode falar.**

Apenas três palavras. Simples assim.

Embolado em meu cobertor, no canto da cama, consigo ouvir meu pai na cozinha fazendo o próprio jantar. Não veio falar comigo. Não perguntou se eu queria jantar com ele, não veio me ver no meu quarto. Provavelmente está refletindo internamente se deveria ou não brigar comigo por chegar em casa e encarar a cena de suas duas garrafas de bebida vazias, ao lado da louça suja.

Levou quinze minutos e trinta e duas mensagens para convencer Leonardo de me encontrar hoje de manhã. Mais cinco minutos para decidir o lugar.

Se eu subisse ainda mais o nosso histórico de conversas, veria algumas poucas mensagens.

Um “Tudo bem?” enviado por Leo no dia seguinte ao que nos conhecemos, seguido de um “A gente deveria se encontrar qualquer dia desses”, eu respondi com um “devia mesmo :p”.

E, no fim, nós não nos encontramos mais.

A não ser por hoje.

Eu não sou pai de ninguém. Muito menos de algo que está dentro de você.

As palavras de Leonardo me atingem como se eu fosse uma criança que caiu por acidente em uma roseira cheia de espinhos.

Ele é bonito, charmoso e me machuca.

Eu passo o dedo pelas nossas conversas, de um mês atrás.

☒ **Eu nunca tinha ficado com um trans :p**

Foi aí que eu parei de responder ele.

Ignorei todos os outros três “Bom dia” e o “Tá sumido” em uma noite aleatória. Ignorei sua existência.

Que grande ironia um pedaço da existência dele estar dentro de mim agora.

Coloco o celular no bolso. Leonardo não passa de mensagens banais, uma noite meio bêbado e uma conversa cruel na mesa de uma lanchonete qualquer.

Seco as lágrimas com as costas da mão. Tem uma barba rala, quase tímida, que começou a nascer em mim recentemente. Essa é uma parte do pequeno problema que estou enfrentando.

A primeira dose que tomei de testosterona foi assim que completei dezoito anos. Minha voz já está muito mais grossa do que costumava ser. Mas, por falta de dinheiro próprio, interrompi o tratamento hormonal umas três vezes desde então. É algo que me incomoda. Eu gostaria de seguir à risca, ter todos os benefícios da testosterona no meu corpo.

Mas, no momento, tudo o que consigo pensar é nas matérias que li sobre homens grávidos que interrompem a terapia hormonal durante a gestação.

Eu preciso conversar com alguém. Preciso de apoio, de conforto. Preciso de alguém de confiança.

E sei que essa pessoa não será Leonardo.

3.



ASSIM QUE CHEGO em casa, um pouco depois das onze, há mensagens de duas pessoas diferentes em meu celular.

A primeira que leio é de Katrina.

☒ **Yago, por que não veio na aula hoje? Ta tudo bem??**

Depois, abro a conversa com Ravi, mostra três mensagens não lidas:

☒ **YAGO**

☒ **cade voceeee? aconteceu alguma coisa????**

☒ **YAGO YAGO YAGO YAGO YAGOOO**

É quase como se eu pudesse ouvi-lo gritando em minha cabeça. Ele costuma falar alto, mesmo quando não deve.

Não sei o que dizer para nenhum deles no momento. Cada letra que digito parece levar uma eternidade, mas envio uma mensagem para Ravi:

☒ **oi, desculpa. tá tudo bem. você pode vir aqui hoje a tarde?? queria conversar**

Guardo o celular no bolso do moletom, sem esperar por uma resposta.

Meu pai não está em casa. Ele costuma almoçar em um restaurante perto da escola em que trabalha, enquanto eu geralmente almoço no restaurante universitário, onde a comida custa quase nada.

Entre provas e trabalhos para corrigir, meu pai consegue arranjar um tempo para provar a comida de cada restaurante da cidade que se diz italiano e ainda reclamar dos erros gramaticais dos cardápios.

Sempre achei isso um traço estranho de sua personalidade, a paixão pela gramática. Não sei em que momento da vida ele decidiu ser um professor de português do ensino fundamental, mas também não sei em que momento não conseguiu parar de beber vodca barata, então é difícil analisar a vida do homem.

Depois de lavar o rosto no banheiro, eu esquento uma lasanha de carne no microondas — algo que deixaria meu pai levemente irritado. Ele gosta de reclamar de comida, especialmente a que seus pais faziam para ele em sua infância, mas não se afeta o suficiente para fazê-la.

Enquanto a lasanha gira no microondas, olho para a porta da geladeira. Na verdade, sei exatamente quando Olívio Bellini não soube mais rejeitar uma garrafa de vodca.

A fotografia com o rosto de minha mãe está colada com um imã em formato de morango, meio caída para o lado. Há várias outras fotos. Eu, criança, com um vestido em frente a um bolo de aniversário. Meu pai me segurando no colo. Minha mãe servindo de apoio para um Yago de menos de um ano de vida ficar em pé. Meu pai e minha mãe em frente a um lago, abraçados. Minha mãe com uma rosa na mão.

Não há nenhuma fotografia de minha mãe tirada há menos de oito anos. Não há nada sobre ela há oito anos. A coisa mais recente que pode ser contada é sobre a sua morte.

Ajeito o imã de morango, deixando as fotografias mais organizadas, com a de minha mãe sozinha, sorrindo para a câmera, no centro. Ela tinha os cabelos encaracolados, em uma cor de caramelo queimado. Olhos verdes, os mesmos que eu

tenho. Usava óculos de armação grossa e transparente; sempre achei que dava um ar de hippie para ela, especialmente por conta dos vestidos longos e floridos, sua marca registrada.

Almoço sozinho no sofá da sala. Não ligo a TV, nem vejo nada no celular. Eu deveria me alimentar melhor, penso.

A comida tem gosto e aspecto de borracha, mas continuo a comer.

O que minha mãe diria para mim?

Eu sempre quis usar óculos iguais aos dela. A primeira e única vez em que meu pai me levou ao oftalmologista, torci os dedos desejando descobrir ter miopia. “Vou ter óculos iguais aos de mamãe”, mas tudo o que recebi foi um papel dizendo que minha visão era ótima.

Meu pai também não tem miopia, penso. Acho que sou mais parecido com ele do que com minha mãe.

Tenho o mesmo cabelo castanho escuro dele, o mesmo olho verde da minha mãe. Sou uma mistura deles, em vários sentidos. O meu bebê vai ser uma mistura minha e de Leonardo.

Meu estômago revira.

A lasanha volta pela metade na geladeira.

A foto de minha mãe me encara. Eu a encaro de volta.

Bebo suco de laranja direto da caixinha, pensando em arrancar todas as fotografias dali.

Olívio é pai solteiro, eu posso ser pai solteiro.

Que ótimo exemplo, Yago. Você quer realmente ser como o seu pai?

O celular vibra em meu bolso. O nome de Raví está ali, brilhando na minha tela.

✉ **tô indo aí jájá**

Respondo a mensagem de Katrina, recebida mais cedo, sem realmente pensar enquanto digito. Em dias normais, a essa hora, nós dois estaríamos saindo do restaurante universitário. Mas, claro, hoje não é um dia normal.

Enquanto escovo os dentes, busco o contato de Leo, mas não há nenhuma mensagem, ligação, qualquer coisa dele. Ele realmente não está nem aí para mim e muito menos para o bebê.

Coloco a mão em cima da barriga.

É surreal demais, mas eu sinto uma ligação com essa pequena criaturinha. Mesmo sendo do tamanho de uma uva, quero protegê-la. É a minha uva, é uma parte de mim. Se eu não cuidar dela, quem é que vai?

Vou para meu quarto, sentindo um leve mal estar. Penso em enviar alguma mensagem para Leonardo. Não preciso pensar muito para concluir o quão péssima é essa ideia. Afinal, o que eu diria para ele?

Minhas bochechas esquentam. Eu não sei por que sinto vergonha, mas não consigo fazer o sentimento ir embora.

Sendo pansexual, poderia me relacionar com literalmente qualquer adulto que me quisesse. Por que justo Leonardo? Por que eu fui estúpido o suficiente para entrar com ele naquele quarto, naquela noite?

Me enrolo no cobertor do quarto. É difícil saber se estou tremendo de frio ou de nervoso.

(Provavelmente, os dois).

Katrina me enviou mais algumas mensagens, dizendo que sentiu minha falta no almoço. Mesmo com algumas lágrimas no rosto, consigo me sentir menos pior ao lembrar dela. Preciso falar com ela, penso. Quero que Katrina saiba o que está acontecendo.

Mas, primeiro, quero falar com Raví.

Enquanto digito uma resposta para Katrina, ouço algumas batidas na porta da entrada.

Moro em um apartamento pequeno e meio antigo. A campainha não funciona há tempos, mesmo que o síndico prometa todo mês que vai arrumar. O homem que cuida da portaria é um senhor de quase sessenta anos

Mas, de qualquer forma, o porteiro sabe que Raví pode entrar quando quiser, então não tem muita diferença.

Me levanto, ainda enrolado no cobertor.

Por algum motivo, passar pela geladeira e olhar, mesmo que por apenas alguns segundos, para a fotografia de minha mãe se

tornou mais doloroso nas últimas horas.

Não lembro mais de sua voz, mesmo que eu me esforce. Lembro do seu sorriso, de como ajeitava o óculos no rosto quando estava me dando uma bronca. Era quase como se ela não quisesse brigar comigo, mas se via na obrigação, sendo minha mãe.

Assim que abro a porta, Raví com cara de preocupado diz:

— Meu Jesus, o que aconteceu com você?

Eu percebo que devo estar com uma cara horrível. Esfrego os olhos com as pontas dos dedos, respirando fundo.

— Ei... Yago.

Alguns instantes depois, sinto os braços de Raví me envolverem em um gesto de carinho que eu estou precisando há mais tempo do que parece.

Pela primeira vez na vida, fico feliz em ser baixinho. Raví não é exatamente alto, mas é mais alto que eu. Quando me abraça, sinto que me envolve em um escudo de proteção do mundo todo.

Ainda estou enrolado em meu cobertor, que agora se assemelha mais a um casulo. Raví dá pequenos tapinhas em minhas costas.

— Respira, respira. — diz. Quase sem eu notar, me guia até o sofá da sala. Quando estou sentado ali, secando minhas lágrimas com o cobertor, ele vai até a cozinha e aparece com um copo de água para mim. — Você precisa se acalmar um pouco. Não sei o que aconteceu, mas vai ficar tudo bem, tá? Nada é tão impossível que a gente não possa resolver.

Eu bebo o copo de água de uma vez só.

— E-eu... — Tento dizer. Respiro fundo. — Eu preciso contar uma coisa para você.

— Eu sei. Estou preocupada com você.

— É ela agora? — questiono. Uma pergunta que costumo fazer com certa frequência para Raví.

Enquanto pega o copo vazio de minha mão e o coloca na mesinha de centro, ela confirma com um aceno.

— T-tá bem. — falo. Me enrosco mais no cobertor, os dedos apertando o tecido grosso. — Você deveria usar um crachá ou alguma coisa assim indicando seus pronomes.

Ela dá um pequeno sorriso, como quem já tinha pensado naquilo.

— Acho que todo mundo deveria, na verdade.

— É. — concordo, esfregando o olho. — Algumas pessoas que eu conheço há muito tempo ainda me chamam pelos pronomes errados.

Raví assente. Ela está sentada ao meu lado, virada para mim.

— É por isso que você está... Triste?

Mordo meu lábio.

Não sei nem ao menos como começar essa conversa.

Nego com um gesto rápido com a cabeça.

— Então... O que é? Seu pai fez algo?

Raví sabe de todas as vezes em que tive que jogar meu pai debaixo de um chuveiro gelado para que ele recuperasse ao menos parte da sobriedade. Sabe das vezes em que investiguei cada canto de seu quarto em busca de garrafas para jogar no lixo. Sabe de todos os dias em que tive que ligar para seu emprego e avisar que ele não daria aulas naquele dia por conta de suas dores de cabeça que os médicos não sabem ainda o que é.

— Não, ele não fez nada. — digo.

Raví apenas olha para mim, esperando que eu diga qualquer coisa.

Nós dois somos muito diferentes, fisicamente falando. Jamais teria o cabelo curto, tingido de laranja forte e chamativo que ela tem. Mesmo que eu ache um charme — até mesmo as pequenas falhas na tintura, que entregam que ela mesmo quem pintou, são de um charme indescritível — prefiro passar despercebido pelas pessoas.

Quando nos conhecemos, eu era um calouro de letras perdido no meio do campus da faculdade. Raví, embora estivesse apenas no segundo ano de jornalismo, segurava uma câmera profissional na mão e tirava fotos dos corredores da faculdade.

Não fiquei olhando para ela porque a achei extremamente bonita, por causa do seu cabelo laranja marca-texto que me deixou tonto e a tatuagem de girassol torta e falhada nas costas de sua mão direita.

Raví vestia uma regata branca, bermuda preta e tênis com cadarços coloridos. E uma de suas pernas era mecânica.

Ela me pegou olhando por tempo demais a sua prótese feita de aço. Quando viu, me encarou. Rápido, eu virei o rosto. Envergonhado, fingi mexer no celular.

— Não tem problema olhar. — ela disse, alto. Isso me assustou um pouco. Imaginei que apenas me ignoraria, no máximo faria uma cara feia para mim. Era o protocolo social mais aceitável no momento, eu acredito. — Gastei dinheiro demais nisso aqui pra simplesmente ninguém ver.

Meu reflexo foi pedir desculpas. Não deveria ficar encarando as pessoas daquele jeito, especialmente por algo que ela provavelmente estava acostumada a ser encarada. Mas Raví não se importou. Pelo contrário, se aproximou de mim e perguntou se precisava de ajuda para encontrar a minha sala de aula.

— Esse prédio aqui é meio confuso. — disse.

Naquele momento, eu não sabia que conversaria com Raví constantemente nos próximos meses, muito menos que me acostumaria a ver a sua prótese quase todos os dias a ponto de não achar mais algo fora do comum, ou que nós dois colecionaríamos horas incríveis discutindo sobre nossos livros favoritos, muito menos que Raví se tornaria a pessoa que colocaria a agulha da injeção de testosterona em mim quando o dinheiro permitisse.

E, ainda assim, aqui está ela, olhando para mim com preocupação.

Seu cabelo laranja está um pouco desbotado, consigo ver alguns poucos centímetros da raiz. Ela veste um casaco de moletom azul escrito JORNALISMO e uma calça preta. Dá pra ver apenas alguns centímetros de sua perna mecânica, escondida pelas roupas de frio.

Sinto que conheço cada parte de Raví. E ela conhece cada milímetro meu.

Então, decido jogar tudo de uma vez:

— Eu estou grávido.

A imagem de Leonardo rindo me vem à cabeça.

Para meu alívio, Raví não ri.

Ao invés disso, ela explode em várias perguntas.

— O quê? Como? Desde quando? De quem?

Não consigo responder, porque começo a chorar mais ainda.

— Ah, meu Deus.

Raví se aproxima de mim e me abraça. Mas, agora, dá tapinhas desajeitados em minhas costas. É meio estranho, mas bom. O calor do corpo dela me conforta. Me sinto, mais uma vez, uma criança desamparada. Apoio meu rosto na curva de seu pescoço e choro mais ainda.

É assim que conto sobre Leo, sobre sua reação mais cedo — passo tempo demais falando sobre isso, acho. É algo que eu ainda não consegui superar. Não sei se um dia vou, aliás. Ninguém nunca falou comigo daquela forma.

Eu me afasto, um pouco envergonhado. Mesmo sendo minha melhor amiga, a situação toda não deixa de ser humilhante.

Raví se levanta e começa a andar pela sala, xingando Leo.

— Aquele pedaço de merda... — diz — Eu juro que vou...

Não sei o que ela irá fazer, porque não continua a frase.

Suas mãos estão fechadas em punho, enquanto olha para todos os lados como se buscasse algo que pudesse fazer. Eu fico ali, sentado, olhando para ela.

Por algum motivo, espero o momento em que Raví vai me culpar, me xingar, me chamar de irresponsável ou qualquer coisa assim.

Mas, ao invés disso, ela respira fundo, se vira para mim e fala:

— Escuta, Yago... O que você quer fazer?

Eu escondo meu rosto com o cobertor.

O que eu quero fazer?

Ela já me perguntou isso tantas vezes, mas em contextos completamente diferentes. Em contextos que não tinham esse impacto todo.

Alguns segundos se passam até eu sentir o toque confortante de Raví em meu ombro.

Baixinho, ela pergunta:

— Faz quanto tempo?

Não me movo, mas respondo:

— Uns t-três meses, mais ou m-menos.

— Você descobriu hoje?  
— Ontem.  
— E você... Bem, tudo bem... Já pensou no que quer fazer?  
É uma pergunta difícil que carrega muita responsabilidade.  
— Você sabe que essa é uma escolha só sua. — diz. Eu gostaria de ver seu rosto, mas continuo de olhos fechados e escondido no cobertor. — Não deixe ninguém te influenciar negativamente... Seja o que for que você decida.

Fico em silêncio.

Sinto Raví se aproximar mais ainda de mim.

— Você tem tempo pra pensar ainda. — murmura. — É difícil. Quero dizer, eu imagino. Nunca passei por isso...

Continuo em silêncio. Sinto que deveria estar chorando, mas parece não haver mais lágrimas dentro de mim.

— Yago...

Ergo o rosto, me tirando daquele pequeno casulo.

— Eu não quero abortar.

Os olhos de Raví parecem aumentar de tamanho, mas, mesmo assim, ela diz:

— Bem... Certo, então você precisa ir ao médico. Ver se está tudo certo e fazer... Fazer aquela coisa que pessoas grávidas fazem.

— Pré-natal. — digo.

— É, isso.

Eu olho para ela. Nós dois parecemos em um estado de transe, ambos perdidos com o que está acontecendo.

— Preciso contar para meu pai. — falo, mais para ter algo para preencher o silêncio.

— Quer ajuda com isso?

— Não. Não sei. Não. É. Melhor eu contar sozinho, acho. É.

— Acha?

— Tenho certeza.

— Você pode pensar mais nisso. Se quiser, eu posso estar lá quando você contar.

Mordo o canto da boca. Meu pai nunca disse nada contra Raví, mas também sei que ele nunca aprovou muito a nossa

amizade. É só mais uma das coisas que eu e ele sabemos que existe, mas não conversamos sobre.

— Não, tudo bem. — falo. — Eu... Preciso lidar com isso sozinho.

— Na verdade, não. Criar uma criança não é algo que se faz sozinho.

Criar uma criança. Jesus, isso é como uma bomba jogada na minha cara. Eu vou mesmo ter um bebê?

Um bebê que vai crescer, ter um nome, um rosto, ir para a escola. E eu vou ser... Pai.

Estremeço.

— E isso inclui Leonardo. — Raví fala, com expressão séria. Limpa a garganta antes de continuar: — Mesmo que ele não queira, legalmente falando...

— Leonardo disse que não quer ter nada a ver comigo. Não quero envolver ele em nada. Nada mesmo.

— Eu sei, mas ele...

— Eu não quero ouvir falar no Leo. — quando digo, alto demais, penso como estou oscilando entre raiva e tristeza sempre que penso em Leonardo. — Ele não está nem aí pra mim, então não estou nem aí pra ele.

Raví parece entender que, ao menos no momento, isso é um assunto que não estou aberto a debate.

De uma vez só, rápido, Raví fala:

— Eu posso ser o pai no lugar do Leo.

Encaro ela, sem entender.

— Ou a mãe. — ela fala. — Ou pãe? Mai?

Eu solto uma risada, o que surpreende até a mim mesmo.

— Mai?

— Não tem nenhuma forma não-binária de pai e mãe. E eu usar mais de um pronome não ajuda muito... Mas eu gosto de mai.

— Mai. — eu falo. — Soa meio como mãe dito errado. Acho que prefiro pãe. Meu Deus, o que é que a gente está debatendo? Você não precisa se sentir pressionada a ser nada. De verdade. Não se preocupe com isso.

— É sério, Yago. Eu não vou deixar você passar por isso sozinho. Você sabe que eu vivi até os nove anos sem conhecer meu pai. Depois é que tive meu padrasto. Não quero que a sua criança cresça achando que foi rejeitada por algum babaca.

— Então você...

— Se você quiser, claro. Eu posso assumir com você.

Solto uma lágrima.

Não sei se Ravi está falando isso pelo calor do momento, ou porque sente que é algo pessoal para ela, levando em conta a própria história, mas gosto de ouvir essas palavras de qualquer forma.

— Quer mesmo que eu não esteja junto para contar para seu pai? — pergunta. — Posso dizer que eu realmente sou a mãe, ou pai. Se é que você entende. Se você não quiser falar sobre Leonardo, se...

— Não precisa. Quero fazer isso sozinho. E, sério, não precisa mesmo assumir a maternidade para que eu me sinta melhor. É coisa demais pra...

— Yago, eu sei. Eu não estou fazendo isso pra que você se sinta melhor. Estou fazendo isso porque você é meu melhor amigo e amigos apoiam uns aos outros.

— Mas isso é apoio demais.

— Não seja idiota. Além disso, eu sempre quis ser mãe.

— Não era mai?

— Que seja.

— E você só tem vinte anos.

— E você só tem dezenove.

— Mas eu não posso fugir disso.

— E você acha que eu fugiria, mesmo que a criança não esteja dentro de mim? Eu só não assumo a maternidade se você não quiser. E estou falando sério.

— É muita responsabilidade.

— Eu sei.

— Mesmo?

— Sim.

— Certo.

— Ok. Ela vai começar a fazer inglês aos cinco. Quanto mais cedo, melhor pra aprender.

— Ela quem?

— Nossa filha.

— Ai, meu Deus.

4.



O DIA SEGUINTE é meio estranho.

Tenho pensado nos motivos que levaram Leonardo a se interessar por mim.

Eu nunca tinha ficado com um trans :p

Lembro de ter mostrado essa mensagem para Raví, de respirar fundo ao ler essas palavras e pensar “ah, cisgêneros...” enquanto refletia sobre cada frase que Leonardo tinha dito para mim. As engrenagens do meu cérebro ficaram a mil, finalmente juntando cada peça daquela história.

Desde o meu primeiro beijo, aos quatorze anos, me envolvi com poucas pessoas. Mesmo que já tenha ouvido — e muito — falar sobre tratar homens trans como fetiche, até o momento nunca tinha realmente passado por isso. E, bem, é apenas mais um motivo para eu não querer Leonardo em minha vida.

Mesmo pensando isso, dizendo com tanta certeza para mim mesmo que eu não precisava de Leonardo para nada, não consigo me concentrar nas aulas. Fico o tempo todo com seu nome martelando em minha mente.

A professora diz algo sobre livros a serem lidos no semestre, mas a informação passa tão despercebida por mim que é quase como se eu nem estivesse ali.

Durante a primeira aula, Katrina, sentada em minha frente, tenta tirar alguma informação de mim, mas apenas respondo com “Tá tudo bem, relaxa” e “Eu só perdi o horário ontem”.

Katrina é quatro anos mais velha que eu e tem um ar muito grande de responsável e de mulher de negócios, mesmo que esteja no terceiro semestre de letras e queira se tornar professora do ensino fundamental, assim como meu pai é. Mas, diferente de outras mulheres de negócio, ela não me intimida. Pelo contrário, passa uma energia aconchegante e acolhedora.

Como quase todo dia, hoje ela está de jeans e casaco de botões. Usa seu óculos redondo com uma cordinha dourada presa nele, o que eu acho excepcionalmente estiloso — em outras pessoas provavelmente seria algo brega, mas em Katrina é apenas estiloso e completa seu visual com elegância. Por cima da pele marrom, tem algumas tatuagens, mas elas quase nunca ficam à mostra (“Não quero correr o risco de não conseguir emprego no futuro, já vai ser difícil, não vou dificultar mais ainda”).

Depois das aulas, almoço no restaurante universitário junto com ela. Nós dois estamos tão acostumados com isso que sempre seguimos o mesmo caminho após a última aula, sem ao menos ser preciso que um chame o outro.

Sei que Katrina percebe que tem algo de diferente comigo, mas não diz nada. Ela me olha um pouco torto quando me vê colocando muita salada no prato.

— Você parece meio distante. — diz, dando uma garfada no macarrão.

— Hum. — murmuro. — As aulas da Sandra sempre me deixam assim.

— Nunca entendi porquê você escolheu letras. Nunca gosta de nenhuma aula.

— Influência do meu pai.

Não é completamente verdade.

Entrei para o curso pensando em virar revisor de livros algum dia. O que é melhor do que ler livros e ainda ganhar com isso?

O problema é que eu nunca tinha pensado que precisaria de dinheiro para cuidar da vida de outra pessoa. O mercado literário não é lá um dos empregos com melhores pagamentos.

Ao lembrar disso, é como espinhos me cutucando por dentro. O dinheiro... Onde é que eu vou consegui-lo para bancar um bebê?

Katrina, com a boca cheia de massa e molho vermelho, diz:

— A maioria dos pais influencia os filhos a seguir medicina, não letras.

— Meu pai nunca me influenciou a fazer coisas muito convencionais. — gostaria de completar a frase com “por exemplo: ser pai solteiro”, mas guardo o comentário para mim.

Fico imaginando como seria contar para Katrina, nesse exato instante, sobre a gravidez. Mas há muitas pessoas aqui. Coisas demais acontecendo. Estou preocupado com o futuro, em como vou cuidar de uma criança e lidar com as futuras mudanças em meu corpo — não bastava enfrentar as mudanças da terapia hormonal, agora estou passando pelas alterações da gravidez.

Mas, principalmente, no momento estou preocupado em como vou contar para meu pai que ele será avô.

Ainda meio fora de sintonia com o mundo, me despeço de Katrina. Tenho a impressão de que ela quer voltar a perguntar como estou, se acaso eu enfrento algum problema, mas não diz nada.

No caminho de volta para casa, penso em meu pai.

Ele tem a tarde de quinta-feira livre. “Livre” entre muitas aspas. Geralmente, passa esse tempo corrigindo provas e criando planos de aula.

Hoje é um péssimo dia para ser quinta-feira.

Para piorar, o movimento do ônibus me deixa enjoado.

É como se tudo estivesse se planejando para tornar meu dia péssimo.

Quando desço no meu ponto, penso que vou vomitar. Cominho duas quadras até em casa, agradecendo pelo vento fresco em meu rosto.

Devo estar com a cara verde e péssima. O porteiro me olha por tempo demais, mas não diz nada. Eu entro no elevador imaginando o que direi para meu pai. “Parabéns, vovô” não me soa muito positivo. “Já viu um homem grávido? Não? Pois agora está vendo um” também não me parece uma boa ideia.

Já na frente da porta do apartamento, o celular vibra no bolso. Ridiculamente, penso em Leonardo.

E, obviamente, não é ele.

É Katrina.

☒ **Sei que tem algo acontecendo com você. Pode conversar comigo quando quiser, ta bom???**

Entro no apartamento pensando que, mesmo que não tenha Leonardo ao meu lado, tenho outras pessoas.

Eu não estou sozinho, afinal de contas.

Meu pai está na cozinha. Na mesa, tem uma sacola com o logo de um restaurante aqui perto. Ele come em um prato descartável, com uma colher de plástico. “Menos louça para lavar”, provavelmente diria.

Assim que me vê, fala:

— Quer risoto? Ainda tem um pouco.

— Não, valeu. Já almocei.

Vou direto para meu quarto. Não consigo encarar meu pai por mais tempo que isso, não agora. Ainda me sinto enjoado. Vomitei algumas vezes nas últimas semanas, então não é surpresa alguma.

Deito em minha cama, pensando que vou apenas esperar o homem terminar de almoçar, então conto para ele.

Duas horas depois, ainda estou lá, deitado.

Consigo ouvi-lo na sala assistindo alguma coisa na TV. Um programa de notícias, acho. Não tenho coragem de ir até ele. Fico pensando em quais tipos de reações ruins posso presenciar.

Durante o intervalo das aulas, mais cedo, Raví me enviou uma mensagem: “A proposta de eu te ajudar a falar com o seu pai ainda está de pé, se quiser”.

Por um momento, reconsidero isso.

Meu pai nunca foi um homem agressivo, mesmo quando estava bêbado. Sequer lembro de ter levantado a voz para mim em algum momento. Ele sempre pareceu muito mais... Perdido em si mesmo do que qualquer outra coisa. Mesmo quando estava com raiva ou decepcionado, seu maior ato de agressividade sempre foi bater uma porta, no máximo.

Isso sempre me passou segurança. Quando eu era mais novo, lembro de ter me negado a ir para a escola por pura birra. Minha

mãe, me olhando de cima com os braços cruzados, disse:

— Eu e seu pai concordamos em uma criação sem sequer uma palmadinha, mas adoraria te dar uma lição agora.

Minha mãe descontava seus sentimentos com vinhos caros, guardando dinheiro todo final do mês para desfrutar uma boa taça. Quando ela se foi, meu pai bebeu o pouco de vinho que ela deixou. Depois, começou a beber qualquer coisa com álcool. E, apesar disso, nunca foi agressivo comigo.

É nisso que penso.

Mesmo que Raví me apoie, preciso do apoio do homem que me colocou no mundo e me criou. Não consigo viver com mais uma reação como a de Leonardo: ódio, negação, humilhação.

Procuro o contato de Leonardo no meu celular novamente. Sinto raiva dele. Acho que, se eu o ver, vou dar um soco nele. E ele não vai poder fazer nada, afinal ninguém agride uma pessoa grávida.

Ao menos, ninguém com o mínimo de empatia.

Ainda estou encarando o ícone do contato de Leo quando meu celular vibra.

**✉ a gente precisa marcar uma hora no medico!!!!  
ver se voce e o bebezinho tao bem**

Sem perceber, estou sorrindo.

É claro que Raví diria algo assim.

Isso me dá coragem de ir até meu pai.

Caminho a passos lentos e, por duas vezes, quase volto para meu quarto. Preciso enfrentar isso, digo para mim mesmo.

— Pai? — eu o chamo.

Subitamente, a distância entre nós dois me pega em cheio.

Normalmente, ficaria apenas no meu quarto, estudando, trocando mensagens com Raví ou Katrina, assistindo a algum filme, e ele permaneceria ali, no próprio mundinho de professor.

Eu era muito mais próximo de minha mãe, mas não a vejo há tanto tempo que é quase como se nunca tivesse tido uma relação tão íntima com ela.

Olívio está sentado no sofá, com as pernas apoiadas na mesinha de centro. Seu cabelo castanho-escuro, assim como o meu, está bagunçado. Às vezes esqueço como somos parecidos.

A coisa que mais nos difere talvez seja o início de calvície dele, ou a cicatriz no antebraço direito — um acidente doméstico de anos atrás, em que derramou óleo quente em si mesmo.

Ele levanta o rosto assim que me ouve. Está com um livro em uma mão e um copo com algum líquido de cor violeta dentro.

— Você está bebendo vinho?

A pergunta escapa dos meus lábios.

Meu pai levanta as sobrancelhas.

— É suco de uva.

— Ah.

— É sobre isso que quer falar?

Mordo minha língua.

— Ah... Bem, e-eu preciso conversar com você.

— Hum.

Ele dá um gole no suco de uva. Coloca o copo na mesa de centro. Fecha o livro, sem marcar a página em que parou. A TV está ligada no noticiário, mas ele apenas diminui um pouco o volume.

Em nenhum momento Olívio olha para mim.

Penso no que está passando em sua mente. A última vez em que conversamos sério, três anos atrás, foi para contar que sou trans. Até ontem, eu pensava que não poderia dizer nada mais chocante para meu pai.

Mesmo que não tenha reagido mal, levou alguns meses para que ele me olhasse no olho e me chamasse pela forma certa. E mais tempo ainda para que parasse de insinuar, de maneira discreta, que eu deveria voltar a usar vestidos e deixar o cabelo crescer.

Com um gesto vago com a mão, ele me chama para sentar ao seu lado.

— Acho que já sei o que vai falar.

— Sabe?

— Sim. Descobri ontem.

Todo o ar some do meu pulmão.

As caixas de testes de gravidez que deixei na lixeira... Eu pensava que estavam bem escondidas.

Sem olhar para mim, Olívio fala:

— Sei que tenho problemas com bebidas. A mensagem que deixou ontem me serviu de alguma coisa. Eu vi que você jogou tudo fora.

Eu travo.

Ah, é disso que ele está falando.

Ele ainda não sabe que peguei a bebida para esquecer dos meus problemas — não sabe que estou grávido. Ainda vou precisar contar.

— Eu vou cuidar disso, tá? Vou parar de beber.

Assinto.

— Eu sei que deveria ter buscado resolver isso antes. Não quero virar um Dom Casmurro, rabugento e sozinho.

Eu abro a boca, surpreso. Mas ele não me deixa falar:

— Comecei a ir em algumas reuniões semana passada.

— Reuniões?

— É. Terapia em grupo.

Eu olho para ele, surpreso.

— Isso... Isso é ótimo, pai. Por que não me contou?

Ele desvia o olhar, parece envergonhado.

— Acho que eu deveria ter feito isso há muito tempo, logo depois de sua mãe... Você sabe. Enfim.

Ele dá um sorriso de canto e um tapinha no meu joelho.

— Obrigado por ter feito aquilo ontem. Eu tive algumas recaídas, mas vou melhorar.

— Ah, bem... Pai, fico feliz que você esteja buscando ficar sóbrio, mas eu não joguei a vodca na pia pensando nisso.

Ele arregala os olhos.

— Yago, você bebeu aquilo tudo?!

— O que? Não! Quero dizer, eu ia beber. Mas depois decidi que era melhor não.

— E por que é que você iria beber? Nunca te vi bêbado, mesmo quando era adolescente.

Coço meu nariz, desvio o olhar. Não sei como contar.

— Yago? — meu pai me chama. O meu nome saindo de sua boca, o meu nome de verdade, aquele em que me identifico, me representa, me dá forças.

Abro a boca, mas não consigo dizer.

Fecho a boca.

Uma mulher na TV informa o clima dos próximos dias. Teremos chuva.

E trovões.

— Yago?

— Estou grávido.

Silêncio.

O tempo congela. Há apenas o noticiário TV. Há apenas o copo na mesa de centro, sujo de suco de uva. Há apenas eu e meu pai, parados, sem saber o que falar, o que fazer, como agir.

Ele não ri, eu não rio, ele não me faz perguntas, eu não respondo nada.

Não sei qual de nós dois está mais estático.

— Você...

— Eu quero ter o bebê. Não quero abortar, nem dar para a adoção.

— Você tem certeza?

— Sim. Não quero abortar.

— Não, não. Você tem certeza que está... Grávido?

— Sim.

— Desde quando?

— Poucos meses.

— Quem é o pai?

— Isso não importa.

— Yago... É óbvio que importa. Eu preciso saber.

Uma lágrima escorre no meu rosto.

— Ele não quer ter nada a ver com isso, eu não quero falar dele.

Meu pai vira o rosto. Olha para a frente, passa a mão pela barba mal feita. Parece perdido. Não o culpo: também estou. Perdido em mim mesmo, no que causei, no que Leonardo causou, no que essa pequena coisinha dentro de mim vai se tornar e em

como ela está afetando cada aspecto de minha vida, cada relação interpessoal que tenho.

— D-desculpa. — falo — Eu juro que não queria que isso acontecesse.

Espero por alguma rejeição, alguma frase me acusando de ser irresponsável. Mas ele apenas fica em silêncio, agora com o rosto escondido entre as mãos.

— P-pai?

Nada.

Solto um soluço, as lágrimas caindo em minhas bochechas.

— Pai?

Ainda nada.

— Pai, juro que não queria que isso acontecesse. Mas eu não quero abortar. Eu não planejei isso, mas vou ten...

Para minha surpresa, Olívio me abraça.

— Eu sei. Você também foi um acidente. E eu te amo. Nós vamos fazer isso juntos. E eu vou ser o melhor avô que eu puder ser, prometo.

Então, eu choro mais ainda.

E ele não me solta.

5.



NA FACULDADE, EU tenho dificuldades em me concentrar na aula. Fico o tempo todo pensando no meu... Bebê.

É muito estranho pensar em algo ainda tão pequeno como um bebê, um ser vivo, algo que vai crescer e depender de mim para tantas coisas até se tornar adulto. Passei o final de semana todo refletindo sobre isso. O peso de ser responsável pela criação de alguém é absurdo demais.

Se algo der muito errado, vou ser o causador de anos de terapia. Posso ser a razão dos traumas de uma vida inteira. Eu não consigo nem me imaginar sendo parte tão grande assim na vida de alguém.

Raví tem me dado muito conforto nos últimos dias. Meu pai também, de certa forma, mesmo que não converse muito comigo. Ele comprou um jantar cheio de legumes e verduras no domingo. “Para a saúde do bebê”.

E, depois, claro, reclamou como o brócolis estava mal cozido.

Mesmo sendo apenas quarta-feira, seis dias depois que descobri da gravidez, parece que seis anos aconteceram no meio disso. Minha cabeça está cheia demais de coisas.

É óbvio que Leonardo sequer tentou contato comigo esse tempo todo. Honestamente, não sei se isso é algo bom ou ruim.

A única pessoa com quem conversei o final de semana todo, sem ser meu pai, foi Raví. Em poucas mensagens, fui convencido de marcar uma consulta no médico o mais rápido possível.

É por isso que estou tão nervoso.

Raví aparece no restaurante universitário quando já estou sentado na mesa com Katrina. Vestindo moletom e blusa de lã, se aproxima ao bater o olho em mim. Assim que ele se senta, Katrina diz:

— Você também veio entrar para o clube do veganismo com o Yago?

Os dois olham para minha bandeja de almoço. Há muito mais verde do que o comum.

— Eu estou tentando ser saudável. — me defendo.

Raví solta uma risadinha.

— Todo veganinho. — fala — Até parece que tem algum motivo especial para comer salada, né?

Eu olho torto para ele. Há dias Raví tem me implicado porque não sei como contar para Katrina sobre a gravidez.

É algo importante. Na verdade, ela é a quarta e última pessoa que realmente quero que saiba que estou grávido. De resto, não estou nem aí.

O problema é que é meio constrangedor, também.

Quando conheci Katrina, tive uma leve... Paixonite nela. No primeiro dia de aula, ela foi a primeira voluntária para se apresentar na frente da turma toda. Quando se levantou, de camiseta florida com todos os botões fechados, jeans escuro, dreads no cabelo e delineador nos olhos... Eu fiquei Uau.

Katrina era amiga de Raví antes de mim. Os dois cursaram o primeiro ano de jornalismo juntos, até que ela decidiu ir para letras. Não sei dizer se me tornei mais próximo dela por ser amigo de Raví ou o contrário, mas sinto que os dois vieram para mim como um pacote só.

E é óbvio que Raví percebeu como eu olhava para Katrina. Ele guardou isso para si mesmo por alguns dias. Descobri da pior forma, na primeira festa da faculdade que ousei dar o ar de minha presença.

Raví não sabe segurar a própria língua quando está bêbado. Em algum ponto, no meio da noite, tivemos uma leve discussão sobre caipirinha de morango. Raví sentiu a necessidade de virar para Katrina e soltar um comentário incrível:

— É óbvio que o Yago vai concordar com você, ele quer te beijar.

Muitas coisas aconteceram no segundo seguinte. Eu derrubei a lata de cerveja em minha mão, Katrina me encarou horrorizada, Raví tapou a própria boca, arrependido.

Não lembro de como nós conseguimos um pano para limpar o chão todo lambuzado de cerveja, mas lembro de Raví me pedindo desculpas e dizendo “Katrina, ignora o que eu falei”. Em seguida, ele se inclinou para me ajudar com a limpeza e derrubou um pouco da vodka que estava bebendo.

Foi um acontecimento constrangedor atrás do outro. Às duas da manhã, na esquina da minha casa, com a maquiagem ainda perfeita, mesmo depois de ter suado tanto, Katrina disse:

— Nunca vai acontecer nada entre a gente. Achei que você soubesse que eu sou lésbica.

Não sei se fiquei triste por levar um fora ou feliz por ter minha identidade de gênero validada, mas, desde então, Katrina se tornou uma das minhas melhores amigas. E nós dois juramos, com um brinde de cerveja quente, nunca mais comentar sobre isso.

Katrina é minha ex-paixonite. Não é como se tivéssemos tido um relacionamento ou algo assim, mas fico constrangido toda vez que o tópico surge e ela está por perto.

Quando termino de almoçar, fico pensando que vou ter que inventar alguma mentira para Katrina sobre onde Raví e eu vamos. Mas, para meu alívio, ela diz:

— Meu pai quer que eu ajude meus irmãos com as tarefas de casa dele. — seu óculos ainda pendurado no pescoço pela correntinha — E tem a coragem de chamar isso de treinamento para meu futuro. Acho que ele não entende que eu faço letras e não pedagogia.

— Tchau, professora. — é a última coisa que Raví diz para Katrina antes de ela se virar e ir embora.

Fico aliviado quando Katrina se vai. Não gosto de esconder as coisas dela.

Como se lesse meus pensamentos, Raví diz:

— Eu não sei porque você está demorando tanto para contar para ela. Sério, você já contou até para seu pai.

— Quero manter as coisas calmas por enquanto. — respondo. Coloco as mãos nos bolsos, os dedos levemente frios por conta do vento gelado. — Mas vou contar logo.

— Acho que ela vai gostar. Sabe como Katrina curte interagir com qualquer criança. Ela se daria bem em pedagogia, na verdade.

Dou de ombros. Os dois irmãos gêmeos de Katrina, doze anos mais novos, aprenderam a ler com a ajuda da irmã. Ela disse isso no dia de sua apresentação, no primeiro dia da faculdade. “Foi aí que eu descobri como gosto de passar conhecimento adiante.”

— E Katrina sabe como trocar fraldas. — Raví comenta, meio rindo.

— Arrrgh.

Raví e eu seguimos para o ponto de ônibus. Ele coloca uma touca de lã na cabeça. É quase uma descaracterização de personagem o seu cabelo laranja chamativo ficar escondido.

— Como tem se sentido?

— Bem. — respondo. — Mas enjoado. E com sono.

É como se alguém estivesse roubando minhas energias.... O que, na verdade, provavelmente é o que está acontecendo.

— Eu espero que você não se importe, mas contei para minha mãe.

Paro de andar, no meio da calçada, e encaro Raví.

— Por que é que você contou para sua mãe?

— Desculpa! Eu não consegui me segurar. Ela sempre sabe quando estou escondendo alguma coisa. Ficou o domingo todo perguntando se eu tinha desistido da faculdade. É o maior medo da vida dela.

Volto a andar, levemente emburrado. Resmungo algum palavrão e pergunto:

— Como ela reagiu?

— Ela achou que eu tinha te engravidado.

Meu rosto fica anormalmente quente.

Raví dá um tapinha em meu ombro.

— Desculpa. Não devia ter contado.

— Tudo bem, não tem problema.

— Minha mãe adora você. Disse que pode conversar com ela sobre a gravidez, se quiser.

A mãe de Raví é uma figura peculiar. Sempre oferece algum doce quando me vê, usa saias longas, crucifixo no pescoço e está quase sempre com terra embaixo das unhas. Suas flores no quintal de casa são sua prioridade, assim como a leitura diária da bíblia. Não teve nada a comentar quando Raví contou que era não-binário, mas ficou dois dias sem falar com o filho quando ele apareceu em casa com uma tatuagem.

— Não consigo me imaginar conversando sobre isso com sua mãe. — digo.

— Ah, ela faria o seu parto se você pedisse. Ela ama bebês. Deve ter se arrependido de ter tido só eu.

Estremeço com a menção ao parto. É algo que, sempre que surge em minha mente, penso: esse é um problema para Yago do futuro.

Yago do futuro, boa sorte.

Parados no ponto de ônibus, Raví se distrai digitando alguma coisa no celular. Eu olho para a tatuagem de girassol nas costas de sua mão. Não dá para culpar Amélia pelos dias sem olhar para o filho. O traço do desenho é torto e amador, a impressão é que foi feito na prisão com uma agulha e caneta bic. Apesar disso, Raví não se arrepende, é o tipo de coisa que ele diz “Tem história, não posso mudar” e se nega a tatuar algo por cima.

É uma das coisas que amo nele, o desapego pelo considerado socialmente belo. Ele cria a própria beleza nas coisas.

Quando o ônibus chega, Raví guarda o celular no bolso e, enquanto esperamos uma senhorinha subir em nossa frente, pergunta:

— O seu pai não perguntou mais nada sobre o inominável?

— O inominável?

— Aquele que começa com L. — Raví faz um L com os dedos de uma mão. Demoro um pouco para perceber que está falando de Leonardo.

— Ah, não.

Nós dois subimos no ônibus. Me sento do lado da janela.

— Eu não achei que meu pai reagiria tão bem. — digo, assim que ele se senta ao meu lado. Mesmo estando frio, abro um pouco do vidro para pegar um ar puro. Espero não ficar enjoado hoje. — Ele disse que está indo...

Eu mesmo me interrompo, porque Raví não está me ouvindo. Ele encara o celular, digitando alguma coisa. O canto de seu lábio forma um pequeno sorriso.

Ele percebe que eu me calei e olha para mim.

— Desculpa. É só o Bernardo. Mas eu estava te ouvindo.

Mesmo assim, ele volta a encarar a digitar freneticamente. Eu decido que não adianta continuar o assunto, Raví está entretido demais.

— Como vai o Bernardo? Faz tempo que eu não vejo ele.

Ele dá de ombros e continua a digitar, como um adolescente viciado em tecnologia.

Bernardo é seu quase namorado. Não tem nada oficial ainda. Eles se conheceram na festa de aniversário de Raví (a qual eu fui mas fiquei no canto jogando cartas com um garoto esquisito que nem ao menos perguntei o nome). Depois disso, ele ficou me julgando por jogar canastra no meio do seu aniversário. Mas o que eu posso fazer? Odeio festas. Katrina me convenceu a ir dizendo “Raví vai ficar chateado se você não for”, enquanto Raví me convenceu com “Você vai ficar um velho chato por nunca ter aproveitado a juventude dançando música com letra machista enquanto bebe caipirinha. Viva a faculdade!”.

~~Depois de ter engravidado em uma festa, não posso dizer que não vivi a faculdade ao máximo.~~

— Vocês estão namorando mesmo? — pergunto, só para checar. Não acho que Bernardo é o tipo de cara que coloca relacionamento sério no Facebook, então preciso perguntar.

— Ah, não, acho que não. É só uma coisa, sabe? Não sei nomear. O que você estava falando de seu pai?

Nós passamos o resto da viagem de poucos minutos falando de meu pai e Bernardo. Por algum motivo bobo, sinto um pouco de ciúmes dele. E eu mal conheço o cara.

Sei que ele é homem trans, assim como eu, cursa fotografia em uma faculdade privada e tem a barba cheia, sem nenhuma

falha. Consequência de uma terapia hormonal sem interrupções — minha maior inveja. Quando Raví mostrou fotos dele, foi a primeira coisa que pensei. No meio de todas as fotografias artísticas do Instagram de Bernardo, algumas selfies dele mostram como seu nível de testosterona é alto.

— Você está nervoso para a consulta? — Raví pergunta, mordendo a unha e sem realmente desviar o olhar da tela do celular.

— Um pouco.

Mas não estou pensando na consulta, ou qualquer coisa relacionada à gravidez. Estou pensando em Bernardo, na máquina de fotografia cara que ele tem, em sua voz grossa — ele sempre posta vídeos dele mesmo explicando qualquer coisa extremamente chata sobre arte visual.

Com o cabelo no ombro, a energia que passa é de quem vai, a qualquer minuto, me chamar para um ensaio de nu artístico, mesmo que a maioria das fotos em sua rede social seja de árvores, frutas cortadas ou flores solitárias.

Eu já o ouvi comentar como Raví é fotogênico, como sempre fica lindo na frente de uma câmera. Mesmo assim, não há uma foto sequer no meio de toda a natureza que Bernardo gosta de exibir. Não o entendo.

Bernardo tem tantas coisas que eu não posso ter no momento, tantas coisas que eu provavelmente nunca terei.

6.



A CONSULTA MÉDICA não acaba nunca.

Eu juro que assim que coloco os pés naquele prédio, entro em um universo onde cada segundo dura um ano inteiro. É torturante, desesperador.

Depois de meia hora na sala de espera, minha garganta parece mais seca do que um deserto. Minhas pernas tremem tanto que sinto que vou cair de cara no chão a qualquer momento. Ravi pergunta se estou passando mal, mas, naquele ponto, eu não sei o que é passar bem.

A médica continua a me chamar de ela, mesmo que Ravi explique mais de três vezes que não quero ser chamado assim.

Ela faz um ultrassom em mim enquanto diz “Aqui, respeitamos todos. Eu apoio a diversidade. Está feliz com a gravidez?”.

Consigo ver o coração do meu bebê batendo.

Consigo ver o coração do meu bebê batendo.

Um bebê, dentro de mim.

Meu Deus.

Ravi e eu encaramos a tela que mostra uma grande forma que mais parece uma pintura abstrata. A mulher aponta para as curvas brancas e diz “Aqui a cabeça, aqui uma das mãozinhas, a barriga... Está tudo bem com o feto”. Quando ela diz isso, a imagem do bebê se torna mais reconhecível para mim.

Assisto a Ravi se aproximar daquela figura meio irreconhecível, parecendo maravilhado com o que vê.

A médica ao meu lado comenta:

— Infelizmente é muito cedo ainda pra saber o sexo.

Eu olho para ela. Sabia que aquilo viria, em algum momento.

— Não quero saber o sexo.

— Ah. Será uma surpresa, então. As mães geralmente são ansiosas.

Em algum momento, paro de absorver as coisas que ela diz.

As imagens do ultrassom preenchem minha mente por completo.

A coisa toda, de repente, parece real demais.

— Você tem alguma dúvida? — me pergunta. Seu cabelo é loiro e está preso em um rabo de cavalo. Ela tem olhos castanhos e ombros largos. Eu foco no ombro direito dela, pra não ter que ver os lábios se mexendo enquanto me chama de sortuda por ter um bebê saudável, pergunta se eu estava enjoada o tempo todo e diz que é normal se eu não estiver enjoada, porque muitas mães não ficam. Eu quero dizer que tenho sentido enjoos com cheiros, mas, não consigo porque sei que isso vai levá-la a errar meu gênero mais uma vez. — Você pode fazer qualquer pergunta.

Fico em completo silêncio.

Raví fala. Ele pergunta se tem coisas que eu deveria, ou não, comer. Também pergunta se é normal eu estar me sentindo tão cansado e ter tanto sono, porque foi algo que reclamei com ele.

Eu me desconecto da realidade por um momento. Não quero estar ali.

Lembro do bebê se mexendo na câmera do ultrassom.

Há vinte anos atrás, eu era daquele tamanho. Uma criatura tão pequena, tão dependente que não conseguia sobreviver sozinho.

Olho para minhas mãos. Um dia, as mãos do feto vão ser do tamanho das minhas...Mas, agora, esse é praticamente o seu tamanho todo.

Assim que saímos do consultório, Raví me segura pelo ombro.

— Você está bem?

— Eu... Eu não ouvi muito o que ela disse.

— Percebi. Quer se sentar um pouco?

— Eu quero ir embora.

— Tudo bem, mas acho que seria bom você se sentar um pouco aqui. Ainda tem tempo até o próximo ônibus chegar.

Segurando minha mão, ele me guia até a sala de espera mais uma vez. Me sento em uma das cadeiras desconfortáveis. Raví pega um pouco de água para mim no bebedouro a alguns metros de distância. Me entrega o copo de plástico. Há preocupação em seus olhos.

Eu bebo água em silêncio. Ele se senta ao meu lado.

— É normal você estar cansado o tempo todo. — Raví diz, baixinho. — Algo sobre o bebê pegar as suas energias para ele e tal.

Não respondo, estou preso demais no mundo em minha cabeça.

— E a sua alimentação não precisa ser tão rigorosa. — continua. — Pode comer menos salada.

Bebo toda a água. Mordo levemente a borda do copo, amassando o plástico. Olho em volta. Algumas outras pessoas grávidas, alguém com um bebê no colo, uma criança sentada no chão brincando com um boneco de um super-herói.

Encaro Raví e o vejo digitar algo no celular, provavelmente trocando mensagens com Bernardo.

— Eu estava pensando... — começo, incerto. Falo devagar, a ideia ainda se formando em minha mente enquanto as palavras saem de minha boca. — Em como criar o bebê da forma mais neutra possível.

Raví olha para mim, interessado. Guarda o celular no bolso e se curva para frente.

— Quando ela disse sobre... Sobre o sexo. Não quero impor nenhum gênero para essa criança. — explico — Mas também não vejo como criar ela de um jeito 100% neutro. Não consigo imaginar uma criança não sofrendo bullying por isso na escola.

Nós ficamos em silêncio por um momento.

— Acho que dá pra fazer — Raví diz — Tipo, criar a criança como se fosse um cis comum, mas sem impor muitas coisas e deixar claro que ela será sempre amada independente do seu gênero.

— Eu tinha pensado em algo mais ou menos assim, também.  
Quero um nome “neutro” — faço aspas com as mãos.

— Todo nome é neutro se você for corajoso o suficiente.

— Você entendeu.

— Eu sei, mas não podia perder a oportunidade. Já pensou em algum nome?

— Não... Bem, eu nunca achei que teria que escolher o nome pra outra pessoa.

— Que tal Ariel?

— Clichê.

— Chato. Uriel? Noah?

— Hm...

— Eu gosto de Noah.

— Muito estrangeiro.

— Raví?

— Engraçadinho.

— Alex? Eu gosto de Alex.

— Eu... — me ajeito na cadeira. O nome havia surgido em minha mente na noite anterior. Parecia algo banal e sem valor, mas, agora, soa como uma pedra preciosa quando digo: — Eu gosto de Dominik.

— Com K no final? — é tudo o que Raví questiona.

— Isso.

— É bonito. Dá pra chamar de Domi.

— Domi. — repito, devagar — Gostei. Vai ser Domi.

— Caralho, você é muito decidido.

Raví sorri, então olha para minha barriga.

— Oi, Dominik. — ele diz.

Sorrio.

— Viu? — eu digo, pela primeira vez em muito tempo, me sentindo leve. — Dominik soa muito bem.

— Domi. — ele murmura.

Raví tem sido tão bom para mim.

E para Domi também.

7.



NÓS VAMOS DIRETO para a casa de Raví. O trajeto todo em silêncio, com ele trocando mensagens pelo celular, e eu encarando a janela do ônibus, pensando em um milhão de coisas diferentes.

Quando chegamos na pequena casa de paredes lilás e vasos de flor no parapeito da janela, a ideia da mãe de Raví estar ali me deixa um pouco nervoso. Com certeza ela vai entrar no tópico “gravidez” e, honestamente, não sei se quero conversar sobre isso depois da consulta de hoje.

Na verdade, acho que não quero conversar nunca.

— A sua mãe não está aí, está?

Raví, procurando a chave da porta no bolso, não parece achar minha pergunta estranha.

— Não... Eu acho que não, quero dizer. Tem uma feira de mudas de plantas lá no centro, ela comentou de ir lá.

Suspiro. O padrasto de Raví nunca está em casa. Ele trabalha como vendedor de ar-condicionado em uma loja de eletrodomésticos, sempre ocupado e reclamando da falta de tempo. Assim, será apenas Raví e eu.

Ele abre a porta e me deixa entrar primeiro.

Um aroma aterrorizante invade meu corpo.

— Que cheiro é esse?

Parece uma mistura monstruosa de lixo queimado, cravo e perfume barato vencido.

— Arrrgh, eu tinha me esquecido como a casa está infestada. Eu juro que você se acostuma depois de um tempo.

Raví larga a mochila da faculdade no chão e começa a abrir a janela.

— Morreu alguma coisa aqui dentro? — eu tapo o nariz com a mão, mas o cheiro de morte continua ali.

— Antes fosse. — diz, fazendo força para desemperrar a janela.  
— Minha mãe voltou a queimar incenso. Mas ela faz as piores escolhas de aromas possíveis. — ele se afasta da janela, agora completamente aberta. — A gente vai morrer de frio, mas com ar fresco.

— Não coloco tanta fé nisso.

O aroma parece impregnado dentro de mim. Meu estômago dá voltas, como um ginasta, me deixando um pouco tonto.

— Culpe a minha mãe. — Raví fala, seguindo para o sofá da sala.

— Eu já estou culpando ela. E muito.

Eu me sento ao seu lado, deixo minha mochila em um canto qualquer. Raví liga a TV. Nós temos um gosto incomum por séries, em especial uma chamada A detetive Eva Fritz.

É uma série sueca antiga, sobre uma detetive que não sabe se está investigando algo sobrenatural ou apenas um assassino em série. Ainda sem cores e com a tela quadrada, em todo episódio, Eva Fritz parece perto de se deparar com um fantasma, um lobisomem ou um bruxo de mil anos, mas nós sempre temos a mesma surpresa: o caso nunca é resolvido. Por longas temporadas, o desfecho é esticado e esticado, até que descobrimos o que realmente está matando as crianças na cidade.

Raví e eu gostamos do humor antigo de Eva, de como os efeitos são toscos e as cenas cortam do nada no meio da fala de algum personagem. A série toda está clandestinamente em um canal no YouTube, em péssima qualidade. Eu amo.

Me aconchego no sofá enquanto Raví procura por um episódio. O ar frio que entra pela janela é desconfortável. Coloco as mãos nos bolsos, buscando ficar aquecido. Ao mesmo tempo, me curvo para frente. Alguém parece dançar dentro do meu estômago.

— Eu vou pegar um cobertor pra gente não... Yago?  
Coloco a mão na frente da boca.

Sei o que está por vir. Também sei qual o caminho para o banheiro.

Vou correndo e, sem tempo de chegar ao vaso sanitário, acabo vomitando na pia. Uma poça nojenta do meu almoço se forma ali. Eu ligo a torneira, rápido, não querendo ser influenciado a vomitar em cima do meu próprio vômito.

— Você está bem? — não vi Raví chegando, mas ali está ele.

— Desculpa. Vomitei na sua pia.

— Sem problemas.

— Não aguento esse cheiro.

Lavo a boca com água. Me sinto um pouco melhor, mas ainda enjoado. Apoiado na parede gelada, passo a mão pela testa, sentindo pequenas gotas de suor. Uma sensação de estar sufocado me invade.

— Consegue andar? O meu quarto não está assim, acho melhor ficar lá.

De uma maneira um pouco dramática, Raví segura meu braço e me guia até seu quarto. Eu digo que não precisa de tudo isso, mas ele insiste.

— Eu vou fazer um chá de hortelã pra você. — diz — Minha mãe sempre fala como hortelã é bom para o estômago.

Fico sentado em sua cama enquanto ele abre a janela e some pela porta.

Tiro meu casaco. A sensação de estar sendo sufocado não some por completo. Não sei se é sentimental ou físico. Mas, de qualquer forma, ainda estou um pouco tonto.

Me deito na cama. O lençol tem o cheiro de Raví. É como ser aquecido pelo sol do meio da tarde.

O teto de seu quarto tem pequenas rachaduras. Fico pensando se é isso que ele encara de manhã, quando se levanta para a faculdade e pensa se vale a pena ir para a aula naquele dia. É o que eu tenho feito nos últimos dias, tenso demais para saber o que me espera nas próximas horas.

Minutos mais tarde, Raví volta com uma xícara fumegante na mão.

Ele me entrega em silêncio. Assopro o líquido quente, o saquinho de chá boiando na água verde-escura. Aquilo me lembra

de Katrina. Nos dias mais frios do ano ela costuma levar uma garrafa térmica com chá para as aulas.

— Eu ainda preciso contar pra Katrina. — falo. Lembro da conversa de mais cedo.

— Ah. — Raví diz. Ele arrasta a cadeira de rodinhas da frente da escrivaninha e se senta um pouco perto de mim. — Acho que ela desconfia.

— Mesmo?

— É. Ela é bem observadora, mas guarda as coisas pra ela. E você não é muito bom em ser discreto.

Seguro a xícara com as duas mãos, grato pelo calor da xícara aquecer as pontas dos meus dedos.

O celular de Raví vibra. Ele digita uma mensagem e, pela maneira que sorri, sei que está falando com Bernardo. Olho para seu rosto. Por um momento, lembro de como Leonardo não enviou uma mensagem sequer para mim.

Pare de pensar nisso.

— Se sente melhor? — Raví pergunta, erguendo o rosto por alguns instantes para olhar para mim.

Por que fica pensando em Leo quando Raví está aqui?

Eu confirmo com um aceno, mas olho para o chão.

A barra da calça jeans de Raví está dobrada. Consigo ver alguns poucos centímetros de sua perna mecânica. Às vezes, fico pensando como seria a sensação de não ter mais um membro de carne e osso.

Ele já usa a prótese há anos, então está acostumado. Nas poucas vezes em que falou sobre isso, lembro de ter mencionado a sensação de membro fantasma. Sente coceira do dedão do pé, mas ele não existe mais. “Eu fico meio irritado”, ele disse. Raví é tão casual e despreocupado sobre isso, que me pergunto como é que um dia achei a amputação a coisa mais anormal do mundo.

Às vezes o problema é apenas que não estamos acostumados com algo.

Quando bebo o primeiro gole de chá, percebo que foi adoçado com mel, da forma que eu gosto. Penso em como Bernardo é um cara sortudo por ter alguém como Raví.

Espero que ele saiba disso.

8.



ASSIM QUE O final de setembro chega, estou com dezenove semanas de gravidez.

Dezenove. Minha idade.

O número fica batucando em minha mente. Quando penso em dezenove semanas, a idade do feto, nada muito claro vem em minha mente, mesmo com as imagens de ultrassom que procuro pela internet, ou as ilustrações que encontro em sites de gestação.

Farei 20 anos em novembro. Nunca pensei que teria um aniversário no meio de uma gravidez.

Tenho pensado muito nisso quando não consigo dormir. Minhas noites de sono estão péssimas.

A pior parte é ficar sozinho com minha cabeça.

— Dominik tem esse tamanho. — digo, parado em frente a geladeira enquanto seguro uma manga. Ela é parte das poucas frutas que comprei no mercado, tentando ao máximo ter uma boa alimentação. — Sabia?

Meu pai, sentado na mesa da cozinha com prato cheio de arroz e frango grelhado, torce o nariz. Não sei se pela comparação com a fruta ou pela menção ao nome da criança. Nos últimos dias ele tem, da maneira mais delicada que consegue, me sugerido outros nomes.

Da última vez que tocou no assunto, disse: “Que tal Gabriela, se for menina?”. Tentei dizer a ele que quero o nome mais neutro possível, mas não adianta insistir na conversa. Minha tática é

concordar com a cabeça e comentar um “É um nome bonito” e esperar que ele esqueça aquilo o mais rápido possível.

— Não parece tão grande assim, eu acho. — meu pai comenta, olhando para a fruta.

Eu guardo a manga de volta no lugar. Pego uma garrafa de água gelada e, quando fecho a geladeira, não consigo não reparar na fotografia da minha mãe, ainda presa pelos ímãs em formato de morangos. Tenho a sensação que ela me olha como se quisesse dizer algo. “Você está indo bem, meu filho”, “Sinto muito por nunca ter conversado sobre gravidez com você”.

— Você não vai comer mais nada?

Em algumas noites, imagino minha mãe conversando com meu pai. “Não se culpe, Olívio. Tudo vai ficar bem”.

Eu nego com a cabeça, não sei se para a versão física do homem ali ou para a versão espiritual da mulher que chamei de mãe.

— Estou meio enjoado.

Bebo água, que é o que sei que meu estômago vai segurar no momento.

— Tente comer um pouco mais depois, tá bem?

Meu pai dá um beijo em minha testa antes de sair da cozinha. Não é normal que ele vá trabalhar apenas à uma da tarde, mas, naquela manhã, não me senti muito bem. Faltei na aula, e ele, no trabalho. O sexto ano pode sobreviver um dia sem uma boa aula de gramática, eu posso sobreviver um dia sem quatro horas em uma cadeira desconfortável na faculdade.

Fiquei a manhã toda deitado no sofá da sala, meu pai decidiu preparar o almoço. Saiu melhor do que eu esperava, na verdade. Quando me disse que faria frango grelhado, parecia tão empolgado que não tive coragem de contar que a ideia de comer carne tem me incomodado nos últimos dias.

“Olívio está em um episódio de ansiedade constante”, imagino minha mãe dizendo.

Não é difícil de perceber. Está mascando chiclete o tempo todo, vejo que seu pé sempre fica balançando quando se senta na mesa para corrigir os trabalhos e redações. De meia em meia hora, ele vai até o congelador e tira de lá um cubinho de gelo.

Mastiga como se fosse bolacha. Faz um barulho um pouco irritante, me deixa levemente incomodado.

Outro dia encontrei uma latinha de cerveja escondida atrás de um pote de maionese. Meu primeiro reflexo foi pegar para jogar no lixo, mas então a letra avermelhada do rótulo dizendo “Sem álcool” me pegou desprevenido. Coloquei de volta no lugar.

Olívio não parece o tipo de homem que bebe cerveja não alcoólica. Na verdade, ele sempre preferiu uma vodca forte, mas essa é uma parte da vida dele que não me sinto no direito de questionar.

Quando estou no banheiro, escovando os dentes, ouço a porta da entrada se fechar, o que me avisa que meu pai se foi. Segundos depois, ouço ela abrir novamente.

Meu pai grita:

— Eu quase me esqueci, mas deixei um presente pra você em cima da sua cama.

Com a boca cheia de pasta de dente, eu grito:

— O que é?

— Surpresa!

A porta volta a se fechar.

Tem um pouco de pasta de dente no canto da minha boca quando vou, apressado, para meu quarto.

Uma pequena sacola de papel está em cima do meu travesseiro.

Fico parado por um momento. A logo de uma loja de roupas para bebê me encara, como se me desafiasse para dizer algo.

A parte do dinheiro me preocupa, mesmo que meu pai diga para que eu não pense nisso. “Se preocupe apenas em estar grávido”, ele havia dito. Mas sei que não ganha muito sendo professor, também sei que nunca tivemos muito dinheiro na conta bancária.

Me aproximo da minha cama, devagar.

É um pequeno macacão amarelo. Tão pequeno que eu não consigo pensar que algum ser humano pode caber ali.

“Amarelo é minha cor favorita”, comentei no último final de semana. Estava mostrando para meu pai o anúncio de um berço

para bebês em uma loja de itens de segunda mão. É cedo demais para comprar, mas o assunto surgiu no meio do jantar.

Com um gesto negativo, meu pai desaprovou: “Parece antigo demais”.

“É perfeito” retruquei.

“Está rabiscado com caneta”

“Tem história” é algo que Raví diria, pensei assim que as palavras saíram de minha boca.

A roupinha é totalmente amarela, com um desenho marrom de uma girafa na frente. O tecido é leve e macio.

É a primeira roupa de Dominik.

Começo a chorar.

Me sento na cama, abraçando o que será a primeira coisa que Dominik irá vestir, prometo isso para mim mesmo.

Penso em ligar para meu pai e agradecer, mas não consigo me imaginar fazendo isso. Sei que não vou conseguir parar de chorar, ao menos não no momento. Além disso, ele deve estar dentro do carro, dirigindo para a escola.

Fecho os olhos. Inevitavelmente, me imagino conversando com minha mãe.

Ela nunca vai saber que sou homem, quebrei o braço aos dezesseis anos quando fui atropelado por uma bicicleta, passei por uma fase de ouvir só MPB antiga. Ela nunca vai saber que é avó.

No bolso do meu moletom, o celular vibra.

☒ **Você tá melhor?**

É Katrina, preocupada comigo.

Precisei da ajuda de Raví para contar para ela sobre a gravidez, semanas atrás. Um fato levemente constrangedor. E cômico, também. Assim como a mãe de Raví, Katrina também pensou que Raví fosse a mãe da criança.

No primeiro momento, ela pareceu ficar em dúvidas se precisava sugerir métodos abortivos ou me abraçar. Então, fez as duas coisas.

Foi apenas depois, quando disse que pretendia manter a gravidez, que Katrina deu um sorriso genuíno e disse: “Eu preciso

ser professora dela no futuro”.

“Você vai ser a professora de inglês”, Ravi comentou “Crianças políglotas são poderosas demais”.

Por mensagem, respondo Katrina com um simples “Tô bem, só fiquei muito enjoado mais cedo”.

Ela me responde segundos depois:

☒ **É porque não tá comendo carne, nerdola**

☒ **Carne é essencial**

☒ **Jesus, falei igual a minha avó agora**

Mando vários emojis de brócolis, seguido de um “Vou anotar, vovó”

☒ **Tem uma promoção de fraldas no mercado, lembrei de você**

Junto com a mensagem, Katrina envia uma fotografia de si mesma sorrindo para a câmera, na frente de uma prateleira de fraldas.

Eu aperto a roupa de bebê com os dedos. Fraldas. Outra coisa que vou ter que me preocupar daqui há alguns meses.

Saio da conversa com Katrina depois de mais algumas mensagens trocadas — ela insiste que eu deveria comer carne, mesmo que eu diga que estou enjoado para comer qualquer coisa. Ainda sai água dos meus olhos, mas não sei mais se é de tristeza, medo do futuro ou apenas estou exageradamente sentimental.

Encontro o contato de Ravi e faço uma coisa que não estou acostumado: ligo para ela.

— O-oi.

— Você está chorando? — pergunta, assim que ouve a minha voz.

Eu me ajesto na cama, abraçado a roupinha. Amarelo.

Então eu conto o que meu pai fez.

— Que fofo. — ela praticamente grita. — Que coisa mais linda. Ei, Bernardo, o pai do Yago deu uma roupinha pra Dominik. Isso não é incrível?

Ouçõ o som de uma movimentação estranha do outro lado da linha. A voz de Bernardo parece surgir do além:

— Ei, cara, parabéns? — ele soa incerto das próprias palavras, é um pouco constrangedor. Não posso culpar. Nós nem nos conhecemos direito, nunca tivemos uma conversa a sós. — Raví estava falando agora que a gente deveria se encontrar algum dia desses.

— Seria ótimo. — falo. — A Katrina pode ir também. — completo, porque nem sonhando vou ficar segurando vela para os dois.

— E eu posso chamar a Júpiter — Raví diz. — Mas desde que ela começou a namorar não tá nem aí pra mim, então esqueça. Vamos fazer um encontrinho sem bebidas, porque o Yago não pode embebedar a Domi. A gente pode até mesmo formar um círculo e fingir jogar uma praga pro Leonardo.

Ao longe, Bernardo repreende Raví, entendo fragmentos de uma frase sobre “Não ser saudável brincar com coisas sobrenaturais”.

— Você é chato demais. — Raví fala, em tom de brincadeira. — Yago, sabia que o Bernardo assiste filme em preto e branco? Não tem como ser legal assim.

— Hã. — é tudo o que eu consigo dizer. Bernardo parece comentar algo ao fundo. Tudo o que consigo pensar é como é que eu vou agir perto dele.

Isso vai ser constrangedor.



NA SEXTA-FEIRA À noite, ainda estou pensando na roupinha de bebê muito bem guardada em uma das minhas gavetas.

Fico imaginando Dominik usando ela, o amarelo da roupa combinando com o bercinho — eu vou comprar aquele berço de um jeito ou de outro, meu pai querendo ou não.

Katrina, com o carro de sua mãe, buzina na frente do meu apartamento perto das sete. Meu pai, assistindo novela na TV e mascando chiclete, quase não me deixa sair de casa. Lista uma série de coisas que eu não devo fazer, estando grávido. Entre elas, beber álcool. Não consigo não pensar na ironia da situação, mas não digo nada.

Mesmo assim, saio de casa com a promessa de que não vou fazer nada de errado.

~~O que é pior do que estar grávido e o pai de seu filho não se importar? Nada mais errado que isso.~~

A estação de rádio no carro toca sertanejo antigo durante o caminho todo até a casa de Raví. Katrina cantarola baixinho, meio desafinada. Apesar de estar um pouco calor, ela veste uma camiseta xadrez e jeans escuro.

— É um programa um pouco estranho pra uma sexta, né? — Katrina comenta, estacionando na frente do portão da casa. — Eu, você, Bernardo...

— Ele é um pouco estranho.

— Ele não tem nada a ver com Raví.

Nós trocamos um olhar intenso.

Da porta da entrada, Raví sai usando uma regata e bermuda larga. Ela acena para nós, nos convidando para entrar.

Ao lado dele, Bernardo surge de camiseta preta sem estampa e jeans. Ele é um pouco mais alto do que eu me lembrava, também tem um pouco mais de barba, o que me soa um tanto intimidador.

Quando saio do carro e vou até eles, percebo que Bernardo está bravo. Ele se encosta no batente da porta, os braços cruzados.

Fico meio atrás de Katrina. Assim que nós se aproximamos, Raví fala:

— Eu comprei melancia. Vou provar pra vocês que suco de melancia é uma delícia.

Naquela manhã, no restaurante universitário, Raví e Katrina entraram em uma conversa intensa sobre o assunto. Eu fiquei neutro no começo, mas Katrina conseguiu, de alguma forma, me trazer para o lado dela. “Melancia não é algo que deveria ser usado para suco”, foi sua principal defesa.

Raví está de pés descalços — o pé de sua prótese não a deixa usar chinelos, então ou ela está de calçado fechado ou está sem calçado —, mas Bernardo usa tênis, mesmo quando entramos dentro da casa. Isso dá um ar mais sério e intimidador para ele.

Tento dizer para mim mesmo que Bernardo não está realmente bravo, que não posso ficar julgando o cara assim. Muito provavelmente estou inventando coisas.

Quando entro na cozinha da casa de Raví, ela já está cortando pedaços de melancia e colocando dentro do liquidificador. Katrina se oferece para ajudar, mas Raví nega:

— O meu suco é especial, só eu sei fazer.

Katrina senta em uma das seis cadeiras em volta da mesa, eu aproveito para me acomodar ao seu lado.

Inspiro fundo, sentindo um aroma desagradável que parece comida queimada misturada com incenso ruim.

— Alguém queimou alguma coisa aqui? — pergunto.

— Eu estou sentindo o cheiro também. — Katrina diz.

— Meu pai tentou fazer o almoço hoje. — Raví diz, tirando com a ponta da faca algumas sementes de um pedaço de melancia e as jogando no mesmo lugar, formando uma pequena pilha. —

Foi um desastre, claro. Mas serviu para minha mãe convencer ele a jantar fora hoje.

Abro a boca para dizer algo, mas me contenho quando percebo que Bernardo continua de pé. Diferente de Raví, que está ocupado tirando sementes e as juntando em um montinho no canto da pia, ele está apenas encostado em um canto, a cara fechada e o olhar atravessado.

— Eu não acredito que você está realmente fazendo suco de melancia. — Katrina comenta.

— Eu queria caipirinha. — Bernardo declara, quebrando seu voto de silêncio que durou apenas alguns minutos.

Percebo, então, que sou o grande empecilho da noite.

— Eu não me importo se vocês beberem. — digo.

— Eu sei. — Bernardo diz, virando o rosto rapidamente em minha direção. Ele olha para mim como se eu fosse algo que não deveria estar ali. Isso me deixa meio assustado. Ao meu lado, Katrina parece não achar uma maneira confortável de se sentar. — Raví que é toda surtada com isso.

— Eu sou empática. — Raví diz, segurando um pedaço de melancia em uma mão e uma faca em outra. — Ao contrário de certas pessoas.

Katrina e eu trocamos um olhar.

Nesse momento, a cozinha toda parece dividida de um jeito estranho. Sinto vontade de ficar entre Raví e Bernardo, ou de chamar Katrina para fora só para sair desse clima estranho que se formou entre nós.

Apoio os cotovelos na mesa. O cheiro de queimado ainda está ali.

De repente, o sanduíche que comi antes de sair de casa não parece boa ideia.

Bernardo se aproxima de Raví. Eles começam meio que a cochichar e olhar intensamente um para o outro. Não é como se Katrina e eu não pudéssemos ver ou ouvir a conversa, mas eles agem como se fosse o caso.

Katrina se vira para mim:

— Você leu o livro pra aula de segunda?

— Tô na metade — digo, grato pela distração — Você leu?

— Duas páginas.  
— Que exemplo de aluna.  
— Eu não sou surtada. — Raví fala, um pouco alto.  
— Parece que é você quem está grávida. — Bernardo fala, bravo, mas mais baixo do que Raví — É tudo sobre esse bebê ultimamente.

— É um bebê, Bernardo, pelo amor de Deus. Você está com ciúmes de um feto.

— Eu não estou com ciúmes de ninguém.

Eu olho para Katrina. Ela levanta as sobrancelhas.

— A gente devia pedir uma pizza, né? — ela comenta, alto, aparentemente querendo acabar com a discussão.

Não adianta.

Inspiro fundo, sem saber o que fazer com as minhas próprias mãos e querendo ignorar Raví e Bernardo discutindo.

O que é um erro.

O cheiro de queimado e incenso barato parece mil vezes pior. Aprendi a identificar quando vai acontecer, então empurro a cadeira e saio correndo.

Dessa vez, tenho tempo de chegar ao vaso sanitário e despejar todo o meu lanche da tarde ali.

A náusea me atinge. Fecho os olhos. Me sento no chão gelado. Odeio a sensação de vomitar, odeio como não consigo respirar enquanto vomito.

Alguém entra no banheiro. Meu cérebro automaticamente pensa em Raví. Mas, quando se aproxima mais e pergunta se estou bem, reconheço a voz de Katrina.

Ela pergunta se estou bem. Se ajoelha ao meu lado, as mãos fazendo carinho em meu ombro.

Ouçó Raví e Bernardo discutindo na sala. Percebo que quero Raví ali, ao meu lado, longe de Bernardo.

Por que Bernardo tem Raví ao seu lado e, mesmo assim, perde tempo discutindo coisas bestas?

É assim que me dou conta.

Pensando em como eu trataria Raví se estivesse no lugar de Bernardo, as coisas que eu diria...

É algo que vem acontecendo há muito tempo.

Talvez antes mesmo da gravidez.

Antes mesmo de eu ter conhecido Leonardo.

Eu estou apaixonado por Raví.

De todas as coisas acontecendo em minha vida, esse é o real problema.

O problema que eu nunca vou conseguir resolver.

## AMARELO

“[...] ainda vou te fazer uma declaração  
de amor  
tão completamente descarada  
que no dia seguinte a gente se olhe de  
lado  
meio rindo meio brincando e diga  
baixinho  
que loucura, hein cara? [...]

— CAIO FERNANDO ABREU

1.



— ELA MEXEU. — Raví diz.

— Não, não mexeu.

— Mexeu sim.

— Eu teria sentido, né? Não senti nada.

Raví continua a encarar a minha barriga.

É uma cena meio estranha: nós dois na cama, eu deitado com a minha blusa levantada, Raví sentado ao meu lado, encarando onde Dominik está — o fato de que ele está dentro de mim não deixa nada menos estranho.

— Talvez ele esteja dormindo. — falo.

— Acorda ela, então.

— Ela? Você tem insistido nesses pronomes.

— Eu tenho um pressentimento. Na verdade, acho que ela vai ser não-binária. Agênero, na real. Pra combinar comigo. Orgulho do pai.

Eu rio alto.

Está um clima meio quente, o que contribui para o momento ser bom. Eu amo a primavera.

Nós estamos no início de novembro, perto de completar seis meses de gravidez. As pessoas estão olhando estranho para mim no meio da rua. Antes eu passava como um garoto cis na maior parte do tempo, mas, agora, com a barriga da gravidez, recebo olhares confusos.

Em partes isso é bom. Estão me oferecendo assento no ônibus e, claro, eu não sou bobo. Sempre aceito.

Tenho tido dificuldades de encontrar uma boa posição para dormir. A região da minha lombar tem doído muito. Às vezes, quando fico em pé, deixo uma das mãos nas costas e fico curvado. É uma posição típica de quem está grávido. Agora sei porquê. Não acaba com toda a dor, mas me deixa mais confortável.

Abaixo a minha blusa. Raví parece decepcionado.

— Por que ela sempre mexe quando eu não estou por perto? — ele pergunta.

Raví tem muito por mim ultimamente, toda hora perguntando o que pode fazer para mim. Tenho a impressão de que ele tem gerenciando seu tempo entre eu, Bernardo e a faculdade. Ele está sempre se oferecendo para carregar a minha mochila, trocando mensagens com Bernardo no meio das nossas conversas ou pesquisando algo no celular para algum trabalho ou projeto jornalístico.

— Não é bem assim. — explico, me ajeitando na cama. — Ainda tem mais de três meses pela frente. Ela vai se mexer mais daqui um tempo.

Ao dizer isso, estremeço. Falta tão pouco tempo para o parto. Eu estou morrendo de medo disso.

Raví se senta ao meu lado na cama, as pernas cruzadas.

— Eu quero ver ela se mexer. — diz.

Estou pronto para dizer que um dia ele vai ver, mas a porta de seu quarto abre antes que eu possa dizer algo.

Com um vestido totalmente florido que vai até os tornozelos, Amélia diz:

— Fiz bolo de chocolate, crianças.

Eu adoro como ela trata nós dois como se fossemos colegas de doze anos fazendo um trabalho escolar.

— Mãe. — Raví fala, em tom repreensivo, fazendo um gesto com a mão — Bater na porta antes, lembra?

— Muito obrigado — eu agradeço. Pego um prato com vários pedaços de bolo de chocolate que foi me oferecido. — Parece uma delícia.

— De nada, meu bem. — ela diz, então se senta na cama, o que eu estava torcendo para não acontecer. — Como vai a gravidez?

Eu, com a boca cheia de chocolate, consigo apenas sinalizar com a cabeça que tudo vai bem.

— Ah, que bom.

O celular de Raví vibra. Atrás de mim e de sua mãe, ele começa a trocar mensagens. Eu continuo a comer o bolo, que está delicioso.

— Quando eu estava grávida — ela começa a dizer, e eu sinto que será uma longa conversa — Era um caos. Eu fazia xixi o tempo todo. Às vezes ficava com medo de fazer xixi em mim mesma no meio da rua. Pensei até em usar fraldas.

Eu engulo o bolo para responder:

— Antes eu levantava três vezes no meio da noite para ir ao banheiro, mas agora passou.

— Mas você está em uma ótima fase. — Amélia diz. Ela tem uma voz suave e aconchegante, consigo perceber de onde Raví herdou a maneira de falar — Consegue sentir o bebê se mexer?

— Sim, eu... — me viro para olhar para Raví, mas ele parece bravo enquanto digita freneticamente no celular. Torço o nariz. Odeio quando ele se fecha no próprio mundo dessa maneira — Eu estava tentando mostrar para Raví ele se mexendo. Mas ele está quietinho esses dias.

— Ah, eu amava sentir essas coisas.

— É meio assustador, na verdade.

Ela sorri.

— Se precisar de alguma coisa, é só dizer, sei como gravidez é difícil.

Eu sorrio para ela. É uma boa pessoa. Quando ela fala comigo, sinto que é minha mãe me dando um carinho.

— Obrigado.

Ela sai do quarto, nos deixando sozinhos de novo. Raví continua a digitar furiosamente no celular.

Limpo o chocolate da cobertura do bolo do canto da minha boca.

— Com quem você está falando? — pergunto.

Raví sequer olha para mim:

— Ninguém. Pode comer tudo. Eu não quero.

Então eu como todo o bolo.

E Raví continua a digitar.

Deixo o prato sujo em cima da mesa da cabeceira, pego meu celular e envio uma mensagem para Katrina.

☒ ***Yago:* eu acho q o ravi ta discutindo com o bernardo grrr**

☒ ***katrina:* que? onde?**

☒ ***Yago:* pelo celular**

☒ ***katrina:* fico surpresa com eles ainda namorando depois do Episodio Do Suco De Melância**

Envio vários emojis de caveira para Katrina.

Raví continua a digitar como se eu não estivesse ali.

Involuntariamente, solto um suspiro cansado.

Não consigo parar de pensar que Bernardo é um imbecil e, se ele não existisse, eu teria uma chance com Raví. Especialmente desde o dia em que ele surtou, aparentemente com ciúmes de mim e bravo porque não queria beber suco de melancia.

Eu só queria que as coisas fossem diferentes.

2.



ACABO CHEGANDO EM casa quando meu pai está abrindo a porta de entrada.

Assim que saio do elevador do prédio, eu o vejo buscando a chave no bolso. Ele está um pouco diferente. Cortou o cabelo recentemente, parece mais ajeitado. Continua a mascar chiclete a todo momento, mas ao menos parou com a mania terrível de comer gelo.

— Ei. — diz assim que me vê. — Tudo bem?

— Tudo. — respondo, me aproximando dele. — E você?

Ajeito a mochila nas costas, me sentindo um pouco dolorido.

— Ótimo — meu pai diz. — Olha o que eu ganhei. — ele aponta para a própria camiseta. Eu olho para algo que, até então, não tinha reparado. Por cima do tecido vermelho de sua camiseta, há um adesivo redondo.

Está escrito “estou sóbrio há dois meses”.

Eu abro a boca, surpreso.

“Parabéns, Olívio”, imagino minha mãe dizendo.

— Isso é... Incrível. — é tudo o que consigo dizer.

Ele sorri levemente, mas não fala nada. Meu pai, assim como eu, é um homem de poucas palavras. Minha mãe costumava ser a parte tagarela da família — era quem costumava dizer frases de incentivo, mesmo que meu pai fosse formado em letras. Quando ela se foi, levou várias palavras junto com ela.

Ainda em silêncio, meu pai vai para a cozinha, preparar o jantar. É algo que ele tem feito muito. Chegou até mesmo a

comprar alguns livros de culinária.

Vou para o quarto. Mesmo quando me deito na cama e encaro o teto, a imagem daquele adesivo fica colada em minha mente.

“Eu te disse que tudo ficaria bem”, ouço minha mãe sussurrar para mim.

Como quem ouve algo, sinto Dominik se agitar dentro de mim. Ao contrário da maioria das vezes em que fiquei aterrorizado com minha barriga se mexendo, sinto conforto. É como um abraço espiritual.

Eu queria ter com quem compartilhar isso agora, nesse instante.

Se Leonardo estivesse aqui...

Fecho os olhos.

Não tentei contato com ele desde a nossa última conversa, onde contei que estou grávido e ele é o “pai” — pai com muitas, mas muitas aspas. Nenhum pai abandona a própria criança, não importa o motivo.

E Leo não teve motivo nenhum para fazer o que fez.

Quanto mais tempo passo com Raví, mais tenho certeza de que ele é o pai e Leonardo é apenas um cara que conheci em uma noite aleatória. Não sei se eu deveria sentir isso.

Na verdade, tenho certeza.

Todos os meus sentimentos sobre Raví não deveriam existir. Ele deveria ser apenas mais um amigo para mim. Especialmente quando lembro da existência de Bernardo.

Desde o dia em que Bernardo começou uma discussão por culpa de um suco de melancia, me pergunto que outros tipos de discussões ele também inicia.

Relacionamentos, às vezes, são complicados demais.



RAVÍ ESTÁ ME esperando na entrada do restaurante universitário.

De jeans e camiseta laranja (combina com seu cabelo), ela está segurando uma câmera fotográfica na mão. Raví gosta de se envolver nos projetos da faculdade, especialmente aqueles em que tira foto e faz alguma matéria comentando algum evento.

— A Katrina não vem? — ela pergunta, desligando a câmera e a guardando dentro da mochila.

Nas últimas semanas nós três estamos almoçando juntos todos os dias, mas essa é a terceira vez que Katrina vai almoçar em outro lugar. Um lugar muito específico.

— Eu acho que não? — digo, acaba saindo como uma pergunta. — Ela saiu no meio da última aula, disse que ia comer hambúrguer.

— Hmmm — Raví morde a ponta do dedo. — A lanchonete de novo?

— É. Você está pensando o mesmo que eu?

Além do restaurante universitário, tem uma lanchonete no meio da faculdade. A comida é muito mais cara, mas também muito mais gostosa. E, para Katrina, parece ter um gosto especial.

Laura, a garota que trabalha anotando os pedidos, sempre arranja um jeito de conseguir um desconto para Katrina.

E ela sempre arranja um jeito de elogiar Laura.

— A gente devia ir lá. — Raví sugere.

— Você tem dinheiro?

— Eu faço jornalismo, é óbvio que eu não tenho dinheiro.

— Eu faço letras.

O inevitável acontece: almoçamos no restaurante universitário.

Quando sentamos na mesa, percebo que Raví quase não pegou nada para comer.

— Você está bem? — eu peço.

— Sim, só cansada. Bernardo me arrastou pra uma festa ontem e foi um saco.

Eu bebo um gole do suco de laranja. É aguado demais, mas é melhor do que dizer qualquer coisa sobre Bernardo.

Raví enrola um pouco de macarrão em seu garfo, mas não leva até a boca.

— Eu nem queria ir... Mas ele insistiu, sabe? — ela diz — Disse que eu não estava mais me importando tanto com ele... Então acabei indo. Foi um saco. Ao menos fiquei bêbada.

Eu engulo toda a comida que está em minha boca.

— Faz tempo que não te vejo bêbada. A última vez foi na sua festa de aniversário, eu acho.

— Isso, meu querido, é porque você detesta festas.

— E eu não posso beber. Estou grávida.

— Falando nisso, tá tudo bem?

— Estou morrendo de medo do parto. E do pós-parto. Não quero que essa criança nasça nunca, mesmo que esteja matando as minhas costas.

Raví solta uma risada fraca.

É o som mais lindo do mundo, a risada dela.

Por um momento, penso em reviver a conversa sobre Bernardo, mas não sei como.

Nós dois comemos em silêncio por um momento. O celular de Raví vibra uma vez, mas ela ignora. Depois, vibra de novo. Raví finalmente o pega, encara a tela por alguns segundos, então o larga novamente em cima da mesa.

Eu afasto o arroz do molho do macarrão.

— Tá tudo bem mesmo? — pergunto.

Raví não olha para mim. Ela descoloriu o cabelo recentemente. Retocou a raiz. Está mais laranja chamativo do que nunca.

— Tá. — diz. — Mesmo. Só não dormi quase nada essa noite. E ainda tenho um trabalho pra fazer hoje.

— Você não deveria ir para festas no meio da semana.

Ravi olha para a própria comida.

— Você acha que a Katrina consegue uns lanches da lanchonete pra gente? Tô enjoando da comida daqui.

— Bem, vamos torcer pra que o namoro dela dê certo.

Ravi cruza os dedos. Seu celular vibra novamente, mas ela nem se mexe para pegá-lo. Tenho vontade de perguntar se Bernardo já a pediu em namoro, ou se os dois simplesmente oficializaram a relação, se continuam apenas saindo juntos, mas não quero tocar no nome daquele garoto.

4.



EU CONSEGUI O berço amarelo.

Ele ocupa grande parte do meu quarto agora. É de madeira, na lateral há algumas formas bagunçadas feitas com o que parece ser caneta azul. Consigo imaginar alguma criança rabiscando aquilo com toda a pouca força que têm. Passo a ponta do dedo por cima do pequeno relevo. Parece que alguém tentou desenhar um sol e uma nuvem, mas é difícil de decifrar aquelas linhas.

Meu pai disse que poderia comprar um melhor, mais novo. Eu falei que não precisava. Nós já vamos gastar muito mais dinheiro com outras coisas.

Enquanto ajeitava o bercinho no canto da parede, Olívio olhou para mim e comentou:

— Ainda dá tempo de devolver pra loja.

Eu neguei.

— Gosto desse. — falei.

— Hmmm. — ele resmungou. Puxou um chiclete do bolso de trás do jeans e, mascando, perguntou: — Você não vai mesmo me contar quem é o pai? Eu mereço saber.

Tive a atitude mais adulta que consegui pensar: Virei as costas e me tranquei no banheiro.

Mesmo depois de eu ouvir a porta da frente bater, e o apartamento ficar tão silencioso que tenho certeza que estou sozinho há vários minutos, mesmo assim, fico sentado no chão do banheiro.

Primeiro, penso em Leonardo. Não há sequer uma mensagem dele, uma ligação. É como se ele nunca tivesse existido em minha vida — exceto que o volume na minha barriga mostra que existiu sim.

Meu pai é a única pessoa que menciona Leonardo. Katrina nunca fez uma pergunta sequer. Acredito que Raví tenha dito como o assunto é sensível para mim — na verdade, tenho certeza. Eu sou tão grato por ela entender quando eu não quero falar sobre algo, não importa o que seja.

Parte de mim pensa: estar apaixonado por Raví é uma merda.

Outra parte pensa: eu estou mesmo apaixonado por Raví ou apenas gosto de como ela está presente para mim?

É como entrar em um quarto escuro e não saber para onde ir. Me sinto totalmente perdido, confuso e bagunçado. Eu sempre gostei de Raví, mas não tenho certeza se é em um sentido romântico ou apenas de amizade.

Queria conversar sobre isso com alguém, mas a única pessoa que eu me sentiria à vontade em falar sobre meus sentimentos por Raví, é Raví.

E isso é uma merda.

5.



NÃO TENHO DORMIDO muito bem ultimamente. As dores nas minhas costas estão me matando. Eu nunca achei que fosse ser tão complicado assim estar grávido.

Toda vez que tenho um tempinho, aproveito para dormir à tarde. É muito melhor do que perder uma noite inteira de sono.

É isso que estou fazendo hoje.

Ao menos, até meu celular tocar.

Eu quase não acredito no que vejo.

É o nome de Leonardo ali.

Ele está me ligando.

Não sei se deveria atender.

Eu estive esperando algum contato dele nos últimos meses, isso eu não posso negar. Mas uma ligação, assim, do nada?

Penso em não atender, mas...

— Alô? — digo, quase sem perceber que o celular está em minha orelha.

— Ei, Yago.

Não consigo reconhecer o tom em sua voz. É confuso. Não sei se ele está bravo, feliz, irritado, com saudades. Na verdade, mal consigo reconhecer que é ele mesmo falando. Mas é o número e contato dele. A voz dele.

Queria poder ler a sua mente.

Sei que, se ele lesse a minha, veria como está um caos.

— O que foi? — decido ser direto.

Eu o ouço limpar a garganta.

— Quero falar com você.

— Pode dizer.

— Cara a cara.

Eu forço uma risada.

— Nem pensar. A nossa última conversa acabou muito bem, né? Ou diz logo o que quer ou eu desligo, Leonardo. E nunca mais falo com você.

— Não desliga, por favor. Eu... Hum... Eu...

— Você?

— Eu fiquei sabendo que você manteve o... Bebê?

Não entendo porquê a última palavra sai como uma pergunta. É quase como se ele ainda não acreditasse que estou grávido. Eu falei isso para ele. Mais de uma vez.

Eu me ajesto na cama, sentando o mais confortavelmente que consigo. Por um momento, penso em Ravi.

O rosto dele, bravo com Leonardo, dizendo que cuidará de mim e de Dominik me conforta brevemente.

— Sim. — falo. — Eu mantive. E?

— É meu mesmo?

— Se eu disse que era seu, não estava mentindo. Por quê? Acredita em mim agora?

— Eu... Eu...

— Você...?

Eu o ouço respirar fundo, mas ele não diz nada.

— Por que você riu de mim aquele dia? — pergunto. Me sinto meio patético, mas quero saber. Eu preciso saber.

— Eu não sei. Eu estava nervoso. Sou muito novo para isso, pra ter um filho, digo. Não consigo suportar.

— Você tem vinte e quatro anos. — falo, devagar. Eu tenho dezenove. Não acredito na coragem dele de dizer isso. Se ele é muito novo, eu sou o quê?

— Eu sei. É que... Sei lá. Desculpe.

— Não.

— Não o quê?

— Não te desculpo.

— Mas... Mas... — parece ter perdido o fio da meada. Um silêncio extremamente constrangedor se forma entre nós. Não

digo nada para acabar com isso. Ele parece se esforçar para continuar: — Ah, tudo bem. É justo. Sei que fiz merda.

— Que bom que sabe.

— Como você está? E o... Bebê?

— Nós estamos bem.

Instintivamente, coloco a mão sobre a minha barriga. Quero proteger Dominik dele. Não quero que Leo influencie a minha criança de qualquer maneira.

— Eu não quero que aquela Raví finja ser a mãe ou, sei lá, o pai do nosso filho.

Por um momento, não consigo absorver o que Leo está dizendo.

O nome de Raví, na boca de Leo, me soa como uma palavra estranha, como algo que não está acostumado.

Algo que ele não deveria dizer.

— Você está brincando com a minha cara? — digo, bravo. Não, não apenas bravo. Estou possesso — Sério, Leo?

— É sério. Meu amigo me contou. Disse que vocês não se largam, que Raví age como pai, que...

— Que amigo é esse?

— Não importa... O que importa é que eu não quero que ele se...

— O que importa é que eu não estou nem aí para você. — o corto. — Já passei seis meses sem nenhuma ligação sua, nem nada. Raví fez muito mais do que você fez. Ele é quem é o pai, não você. Então, Leonardo, vai tomar no seu cu.

Eu desligo a ligação sem pensar duas vezes. Em menos de três segundos meu celular vibra.

É Leo me ligando de novo. Recuso a chamada. Isso se repete mais uma vez, até que ele para de me ligar.

Não falaria com Leonardo nem se quisesse. Estou chorando, sei que minha voz sairá toda estranha se eu falar. E não quero que Leo saiba que eu choro por ele.

Eu me encolho na cama, sozinho, sem saber o que fazer.

6.



MEU PAI CHEGA em casa. Eu estou chorando. Para disfarçar, finjo que estou dormindo. Quando me vê ali deitado, de olhos fechados e embaixo da coberta, ele encosta a porta o mais silenciosamente que consegue.

Assim que ouço a porta do quarto dele se fechar, eu levanto e como meia laranja. É tudo o que minha boca parece poder mastigar. Sei que deveria me alimentar melhor, mas não consigo. Estou nervoso demais.

Sinto como se a qualquer momento Leo pudesse ligar novamente e falar qualquer coisa que vai me fazer chorar. Checo meu celular umas trinta vezes, mas não tem nada de novo.

Nem sequer uma mensagem.

Quando deito de novo, volto a chorar. Só paro quando caio no sono.

Um sono bagunçado, cheio de pesadelos.



NA FACULDADE, FICO distraído nas aulas, o que não é mais novidade.

Katrina, ao meu lado, me joga um papelzinho. Eu desenrolo ele, devagar.

“tá tudo bem?” está escrito naquela bolinha de papel. Eu rio, pensando que parecemos dois adolescentes e não adultos na faculdade que poderiam muito bem usar o celular.

— Só cansado — sussurro para ela.

— Eu posso te alegrar um pouco — sussurra de volta, a correntinha de seu óculos deslizando por seu ombro quando ela se inclina em minha direção. — Laura consegue um desconto de cinquenta por cento em um sanduíche pra você se disser que é meu amigo.

Eu não conheço Laura. Não de verdade. Lembro dela, claro. Ela já anotou alguns pedidos meus, mas não tenho certeza se ela sabe da minha existência.

Não vejo vantagem nenhuma de continuar naquela aula insuportável. Assim, aceito a proposta de Katrina. Juntos, matamos a penúltima aula do dia e vamos direto para a lanchonete.

Laura é uma garota ruiva de quase dois metros de altura.

Não estou brincando, ela é alta pra cacete. Eu checo duas vezes para ter certeza que não está de salto alto.

Katrina tem menos de um metro e setenta, é quase da minha altura, fico pensando em como as duas ficariam lado a lado.

Assim que sentamos na mesa, Laura aparece. Katrina diz que quer o mesmo de sempre, eu peço um hambúrguer vegetariano. Ela me olha torto.

— Carne tem me deixado enjoado. — explico.

— Que fresquinho. — ela responde.

— Ei. — Laura intervém. A voz dela é suave, aconchegante, dá pra sentir as palavras saindo de sua boca e fazendo carinho em minhas bochechas — Respeite o grávido. Volto já com o seu pedido. E ainda uma batata frita por conta da casa. Pode ser?

— Claro — Katrina responde por mim.

Laura joga um beijinho no ar para Katrina. Eu reprimo uma risada.

— Os pais dela são donos daqui. — Katrina diz. — Eles gostam quando ela me mima. Falando em pais, olha só.

então, ela tira da mochila uma chupeta amarela.

— Meu Deus. — é a minha reação. — Eu amo amarelo.

— Eu sei. Quando vi, achei a sua cara.

— Obrigado. Eu amei.

Pego a chupeta e a giro entre meus dedos.

Algo em minha mente diz que é um bom momento para contar para Katrina a conversa que tive com Leo, mas decido guardar isso apenas para mim.

Não quero estragar o nosso lanchinho. Não agora que Katrina e Laura estão trocando sorrisos como se ninguém estivesse vendo. Não agora que não me sinto mais sozinho e os pesadelos parecem ter ido embora.



ESTOU COMENDO BOMBOM de banana, sentado na minha cama, com um livro da faculdade aberto na minha escrivaninha.

Meu estômago provavelmente está cheio de bombom de banana, mas não consigo parar de comer. Nunca achei que isso seria tão gostoso. É como se eu estivesse comendo essa iguaria pela primeira vez na vida.

Quando ouço alguém bater na porta, estou com mais um bombom na mão, pronto para ser aberto. Decido levar isso como um recado divino para parar de comer, mesmo que eu não acredite em nenhuma divindade.

Com um pouco de esforço, levanto da cadeira e deixo os bombons para trás.

Antes de abrir a porta, penso que vou dar de cara com meu pai. Talvez ele tenha esquecido a chave. Mas então percebo: mal é cinco horas, ele ainda está trabalhando.

Assim que giro a maçaneta, Raví surge do nada e começa a chorar em meu ombro.

Eu preciso processar essa informação umas três vezes em minha mente até perceber que é real. Raví está chorando em meu ombro.

— O que aconteceu? — pergunto.

Ele se desenrosca de mim e começa a enxugar as lágrimas com as costas das mãos, o que não funciona muito porque continua chorando cada vez mais.

Fecho a porta do apartamento, ainda em choque por Raví simplesmente aparecer ali chorando, sem mais nem menos.

Acho que o canto da minha boca está sujo de bombom, mas não consigo compreender nada em minha volta pra limpar meu rosto.

Eu me viro em busca dele e o encontro no sofá da sala, sentado e abraçando a si mesmo.

— O que aconteceu? — repito, buscando por uma resposta — Você está bem?

Me sento ao seu lado em uma posição que faz minhas costas doerem, mas não me importo.

— Eu terminei com o Bernardo. — Raví diz, com a voz embargada.

— Terminou? — pergunto, perdido. Eles tinham algo? — Vocês estavam namorando sério? Ou...

— Não. — ele limpa o nariz com a barra da camiseta. — Não sei. Talvez... Não. É, não. Nós só tínhamos... Uma coisa. Sei lá.

— Ah, bem. — acho que não entendi muito bem o que ele quis dizer, mas não quero perguntar de novo. — E o que aconteceu?

— Nós brigamos...

— Ele fez alguma coisa com você?

— Não, ele...

— Se ele fez algo, pode me contar.

— Ele estava implicando com tudo. — Raví solta um soluço — Tudo o que eu fazia estava errado. Me fez até passar a senha do meu celular para ele. E passou a ler as nossas conversas, Yago. — Raví olha para mim, como se pedisse desculpas. Seus olhos estão vermelhos, cheios de lágrimas. — Hoje nós dois íamos sair juntos. Eu comentei sobre você e ele... Ele deu um surto, disse que eu não o amava, que só falava de você. E... E...

— E? — eu o incentivo a falar. É uma cena triste demais ver Raví chorando. Acho que consigo contar nos dedos de uma única mão as vezes em que vi ele chorar. — O que aconteceu?

— Eu disse que nem namorados nós dois somos, pra ele me cobrar desse jeito. Aí ele... Ele disse que jamais namoraria uma pessoa que não sabe decidir nem quais pronomes quer usar. E isso... Me atingiu em cheio. E-eu não sei nem quais pronomes

quero agora. E aí e-eu disse que... Que eu nunca mais queria ver ele.

Eu engulo em seco, sentindo um gosto amargo em minha boca, mesmo que tenha acabado de me entupir de doce.

— Você não precisa se preocupar com isso. — tento tranquilizar — Pode usar os pronomes que quiser na hora que quiser. O Bernardo é um babaca.

— Mas ele é trans e ele... Talvez ele esteja certo...

— Eu também sou trans e digo: ele é um babaca. Um dos maiores babacas que já conheci. Você merece coisa melhor. Muito melhor. Por favor, pare de duvidar de si mesmo por culpa dele.

Ele me abraça. Eu retribuo o aperto.

Por um momento, ficamos ali, em silêncio.

Não consigo parar de pensar que estou feliz por Bernardo e Raví terminarem, seja lá o que eles tinham.

Acho que esse é o pensamento mais egoísta que já tive na vida.

“Você não pode se culpar pelo que sente”, imagino minha mãe dizendo.

Raví não para de chorar, então eu busco um copo de água para ele.

Faço duas coisas enquanto abro a torneira: checo as mensagens do meu celular, buscando por qualquer tentativa de contato por parte de Leonardo — não há nada — e penso em algo para dizer para Raví.

Nenhuma palavra parece útil o suficiente.

Quando entrego o copo de água para ele, percebo que está em seu celular, na galeria de fotos, selecionando cada fotografia em que o rosto de Bernardo aparece. Não digo nada, mas Raví se explica mesmo assim:

— Eu não quero ver Bernardo n-nunca mais. — sua voz está trêmula.

Me sento ao seu lado de novo.

Raví tira os olhos do celular e olha para mim. Ainda tem lágrimas escorrendo pelo seu rosto.

— Desculpa aparecer assim. — ele diz. — Do nada. Eu deveria ter avisado. Depois que Bernardo foi embora eu só pensei em vir pra cá.

— Não tem problema. Eu não estava fazendo nada.

— Tem chocolate na sua boca.

Antes que eu possa responder qualquer coisa, Raví mesmo limpa o canto da minha boca, com a manga da blusa.

— Pronto. — diz, como se não fosse nada. Então volta a olhar pro celular. — Vou excluir cada foto do Bernardo que eu já tirei na vida.

Não sei o que dizer, então fico em silêncio. Tenho medo de dizer alguma besteira, principalmente se tratando da relação entre Raví e Bernardo.

Ele fica um tempo no celular, selecionando as fotos, em silêncio. Eu me ajesto melhor, uma das almofadas apoiando a minha lombar. De repente, Raví para e fica encarando a tela.

— Bem... isso é engraçado.

— O quê? — pergunto, me aproximando dele ao mesmo tempo em que busco uma posição em que minhas costas não fiquem doendo.

Raví me mostra uma foto em que está ele, Bernardo e Leo. Pela roupa de Raví, reconheço que é uma foto tirada no dia do seu aniversário, ano passado.

Eu solto uma careta.

— Leo. — digo.

— É. — Raví também faz uma careta. — Eles estudam no mesmo campus.

Uma coisa que Leo me disse martela na minha mente.

Meu amigo me contou. Disse que vocês não se largam, que Raví age como pai...

— O que foi? — Raví pergunta. Ele parou de chorar, mas seus olhos ainda estão vermelhos e perdidos.

— Acho que eu acabei de descobrir uma coisa. — digo — Você quer bombom de banana? Bombom de banana sempre me alegra.

— Que nojo, Yago, que tipo de pessoa gosta de bombom de banana? — mas ele me segue até o quarto mesmo assim.

Minha cama está uma bagunça, mas Raví não se importa. Ele apenas afasta alguns cobertores e se senta, olhando para mim. Ofereço um bombom para ele, que aceita e come lentamente enquanto esfrega os olhos com as costas das mãos.

Sentado na cadeira em frente à minha escrivaninha — era de meu pai, está com o apoio do braço direito quebrado — conto sobre a conversa que tive com Leo e detalho o mais precisamente o que ele me disse.

Quando termino de falar, Raví parece bravo e decepcionado. Mais bravo do que decepcionado, na verdade. Ele se levanta e cruza os braços, se encosta na escrivaninha e diz, para ninguém em específico:

— Quando a pessoa é ruim, ela só tem amigo merda. Parece que merda atrai merda.

Eu como mais um bombom de banana. Transformo o plástico em uma bolinha e o jogo em cima da mesinha. Raví me olha como se tentasse descobrir o que há de errado em mim.

— Por que não me contou antes? — ele pergunta. — Que Leo te ligou, digo.

Olho para o pedacinho de bombom em minha mão.

— Odeio lembrar que Leo existe.

— Você não acha que... Sei lá, em algum momento Dominik vai querer conhecer ele? É direito da criança, independente de... Enfim.

Agradeço por estar com algo na boca. Há tempo para mastigar antes de responder.

— Espero que não. — respondo. — Não sei. Seria cruel de minha parte impedir que eles se conhecessem?

Raví morde o lábio. O cabelo dele está começando a desbotar. O laranja logo vai começar a parecer um salmão esquisito, como sempre acontece.

Assim que Raví abre a boca para falar, a porta do meu quarto se abre.

É meu pai. Ele fica estático por um momento, ainda segurando o trinco da porta.

É engraçado como meu pai nunca sabe como agir perto de Raví. Sempre olha para ele como se buscasse por um manual de instruções. Parece tentar entender se é um homem gay afeminado, uma lésbica desfeminizada ou um homem trans como eu.

Me pergunto como ele reagiria se soubesse que Raví é agênero e bissexual.

Os dois nunca conversaram muito, meu pai nunca me perguntou nada específico sobre Raví, então nunca falei nada para ele.

— Ei. — Olívio diz, antes que o silêncio fique constrangedor. Ele solta o trinco da porta e se encosta no batente.

Raví dá um sorriso simpático para o homem, eu simplesmente aceno com a cabeça.

— Acabei de chegar, mas vou sair daqui a pouco. — meu pai diz para mim. — Quer que eu deixe o jantar pronto para você?

Levo alguns instantes para lembrar que ele tem reunião do AA hoje à noite.

Antes que eu possa responder, Raví diz:

— Eu posso fazer o jantar para ele. Yago ama a minha macarronada.

Meu pai olha para Raví de uma maneira hesitante.

— Ah... Ok... Hum, obrigado. Até mais tarde. — então, olhando para mim, completa: — Não fiquem acordados até tarde.

Quando meu pai sai e fecha a porta, Raví e eu trocamos um olhar.

— Você gosta de como ele fica confuso, né? — digo.

Raví solta uma risada.

— Dá pra ouvir as engrenagens do cérebro dele.



NO DIA SEGUINTE, na faculdade, Raví parece distante enquanto almoçamos juntos. Ele mal me responde quando tento puxar assunto.

Quando levanta o rosto, consigo ver seus olhos vermelhos. Ele esteve chorando, eu acho. É isso ou ele fumou maconha, mas Raví nunca foi muito chegado em drogas ilícitas.

Não pergunto se está bem, porque sei que não está.

Me sinto péssimo por, em algum momento, ter estado minimamente feliz com o término de Bernardo e Raví.

Katrina, sentada ao meu lado, limpa o óculos umas três vezes com o tecido da própria camiseta. Tenho a sensação de que ela não queria estar aqui, não de verdade. Ela não costuma mexer no celular durante o almoço, mas ali está ela, digitando mensagens com uma velocidade surpreendente. A ponta de sua unha faz um tec tec irritante.

Acredito que queira estar com Laura, mas decidiu adiar o encontro das duas para ficar perto de Raví. É o tipo de coisa que Katrina faria. Ela sabe o que aconteceu, comentou brevemente comigo durante os primeiros dez minutos da aula, mas nenhum de nós dois menciona Bernardo na frente de Raví.

Em algum momento, derrubo suco na mesa sem querer, esse é o único momento em que Raví abre a boca para rir enquanto pega guardanapos para limpar.

Queria poder fazer algo para tirar toda a tristeza de dentro dele.



NO SÁBADO À tarde, meu pai tem uma reunião da escola. Ele me conta sobre o que é, mas não consigo absorver a informação. Estou empolgado demais com a ideia de passar o tempo junto com Raví e Katrina, apenas nós três.

Por um momento penso que os dois têm algo melhor para fazer em um sábado, mas Katrina diz que Laura estará ocupada trabalhando como garçonne em um buffet, então não tem planos para o dia. Raví diz que iria para minha casa mesmo se eu não o convidasse — o que me deixa anormalmente feliz.

Eles chegam no meio da tarde, juntos. Raví parece um pouco melhor, mas ainda é um contraste terrível com Katrina, que está radiante.

— Laura me ensinou uma receita de biscoitos de chocolate — comenta, tirando vários ingredientes da geladeira e dos armários, totalmente à vontade. Está vestindo uma de suas camisetas de botões de sempre. Percebo que mudou a correntinha de seu óculos: agora é feita de miçangas, toda colorida — Vou fazer biscoitos pra vocês. E Raví vai me ajudar. Yago vai ficar olhando e depois vai julgar nossos biscoitos.

Raví e eu apenas aceitamos a programação para a tarde.

Enquanto vejo os dois fazendo a massa para os biscoitos, conto que Leo me ligou.

Katrina quase deixa uma caixa de leite cair quando ouve isso. Por sorte, estava quase vazia e não fez tanta bagunça. Enquanto

Raví pega um pano para limpar a sujeira, ela me pergunta, com os olhos arregalados:

— O que ele disse?

Eu conto um resumo rápido. Raví, que já sabe de tudo, apenas ouve novamente com uma careta de desgosto.

— Odeio ele. — Katrina diz, as mãos sujas de massa de biscoito.

— Me sinto culpado por ter apresentado ele a você. — Raví comenta, olhando brevemente para mim. Ele está com uma tigela cheia de farinha e manteiga derretida, misturando tudo enquanto Katrina corta uma barra de chocolate em pequenos pedacinhos.

— Bom, não fui o único a me envolver com homem errado, né. Assim que a frase sai da minha boca, me arrependo.

— Meu Deus. — digo. — Desculpa, eu não...

— Tudo bem. — Raví fala, limpando um pouco de farinha de seu braço com um pano de prato. Ele está usando uma das mãos para transformar a farinha em uma massa homogênea. A tatuagem de girassol some quase que por completo embaixo do que em alguns minutos vai ir para o forno e se transformar em biscoitos. — Eu já contei para Katrina, ela sabe.

— Eu disse para você que Bernardo não era boa gente. — Katrina afirma. Ela pega um dos pedacinhos de chocolate e come. — Desculpa, amigo. Mas eu estava torcendo para vocês terminarem logo.

Como se acionado por um botão, Raví começa a chorar.

Ele larga a tigela e a massa de biscoitos, vira as costas e lava a mão na torneira da pia.

Katrina se aproxima dele, uma das mãos em seu ombro, dando um pouco de conforto. Ele solta um soluço, mas não diz nada.

Apoiado na bancada da pia, Raví fica em silêncio mesmo quando eu e Katrina o abraçamos.

— Eu me sinto um imbecil. — ele diz, por fim. — Ele me obrigou a dar a senha do meu celular pra ele. Se fosse com qualquer um, eu diria que é um absurdo. Mas foi comigo e eu achei que tudo estava bem.

Katrina e eu trocamos um olhar.

— Não é sua culpa. — ela murmura.

— Grrrr. — é tudo o que ele responde.

Katrina vai até a mesa e pega a barra de chocolate, que agora é vários quadradinhos que não seguem padrão algum. Oferece para mim e para Raví. Eu pego um punhado, Raví pega apenas um.

Minutos mais tarde, Katrina precisa descer e ir até o mercado comprar mais chocolate. Raví e eu terminamos de fazer a massa em completo silêncio.



KATRINA ADORMECEU EM um colchão ao lado da minha cama.

Com o berço ocupando quase todo meu quarto, achei que ela teria que dormir na sala, mas Raví encheu o colchão de ar, afastou um pouco a minha escrivaninha e conseguiu achar um canto para Katrina.

Ela dorme profundamente, vestindo um pijama todo rosa e lilás. Deitado na cama ao meu lado, Raví veste apenas uma bermuda e camiseta cinza. Está sem a prótese da perna, que agora descansa sozinha encostada na porta do meu guarda-roupas. Com a voz baixa para não acordar Katrina, ele lê para mim e para Dominik os três primeiros capítulos do primeiro livro de A detetive Eva Fritz.

A nossa série sueca favorita teve sete livros, nenhum deles com tradução para o português. Quando me disse que queria ler para eu dormir, quase chorei — estou sentimental demais, ao menos posso culpar a gravidez por isso.

Fico ouvindo a sua voz baixinha e vejo o seu rosto pela luz fraca que sai da tela do celular que ele segura com as mãos.

Quando chega no trecho sobre o parto do sobrinho da Eva, solto um barulho estranho com a garganta.

— Meu Deus — falo, um pouco alto demais — Eu tinha esquecido disso.

— Jesus amado. — Raví segura uma risada. — Que timing horrível.

Dora, a irmã de Eva, morreu durante o parto. Depois disso, Eva ficou anos tentando a guarda do pequeno Joseff.

Checo para ver se Katrina continua dormindo, mas ela sequer se moveu um único centímetro.

— Eu odeio pensar no parto. — murmuro.

Raví olha de relance para mim.

— Vai dar tudo certo, esquece a Dora. Ela tinha uma gravidez de risco. Você está rendendo saúde, garoto.

— Eu sei, mas é uma criança saindo de mim. É assustador.

Raví tomba a cabeça para o lado.

— Você já viu o vídeo de algum parto? É lindo.

— Lindo?

— É. É uma vida. Eu gosto especialmente dos partos em casa.

Acho que, pela minha expressão, Raví percebe como isso me deixa horrorizado.

— Sei que você não vai fazer um parto em casa, calma. Mas você precisa ver como é lindo.

É assim que nós dois acabamos dividindo um fone de ouvido e assistindo a vídeos no YouTube sobre partos.

— Não sei o que você vê de lindo nisso. — sussurro. — E se eu morrer?

— Não precisa ter tanto medo. Você vai fazer cesariana, vai estar desacordado na hora.

— Mas algo pode dar errado. — retruco. — Literalmente qualquer coisa pode dar errado.

Ele segura a minha mão. Meu corpo todo estremece, mas é de alegria. Por um momento, o toque da mão dele é tudo o que consigo pensar.

— Você vai estar lá comigo? — pergunto.

— Onde?

— No parto.

— É óbvio que sim.

Raví se vira para mim.

Nossos rostos estão muito próximos, eu percebo. Pouquíssimos centímetros nos afastam.

— Eu vou estar lá. — ele garante. — Nem que seja na sala de espera.

Nossas mãos ainda estão unidas. Eu aperto a mão dele, só pra lembrar que ele é real.

— Obrigado. — eu digo.

— Pelo quê?

Eu olho em seus olhos e não sei realmente responder isso.

Obrigado por ser meu melhor amigo? Por estar aqui comigo sempre? Por me apoiar em tudo?

Qualquer frase parece algo banal demais para tudo o que eu quero dizer.

Essas palavras estão na ponta da minha língua, prontas para serem ditas, mas acabo não dizendo nada.

Ao invés disso, eu o beijo.

É apenas um selinho, por alguns instantes. Mas são os melhores instantes da minha vida.

— Desculpa. — eu digo, assim que me afasto.

Quero sair dali, quero me levantar e ir embora, mas estou preso entre a parede e ele. Maldito momento em que me deitei no lado esquerdo da cama.

Raví levanta as sobrancelhas, mas não diz nada. Está totalmente estático, não consigo adivinhar o que está pensando, mas aposto que é algo ruim.

— Eu não devia... — começo a me explicar, mas me embaralho em minhas próprias palavras. Preciso preencher o silêncio, não consigo suportar aquilo — Fazer isso do nada. Eu não devia sem... Pedir antes. Ainda mais... Agora. Desculpa.

Ele desvia o olhar. Não consigo parar de pensar em como estraguei tudo.

Que merda.

— Não devia mesmo — diz Raví, baixinho. — Primeiro você precisa pedir. Tipo, eu posso te beijar?

— Desculpa. Eu não...

— Não, eu posso te beijar?

— Raví...

— Yago, eu posso te beijar? De verdade.

— Você está brincando comigo?

— Você quer que seja brincadeira?

— Não.

— Então não é. Posso te beijar?

Raví é a primeira pessoa que eu beijo desde Leonardo. E eu não poderia imaginar nada melhor.

Beijar Raví é como acordar de frente para o mar em um silêncio aconchegante. É como sair de casa e ver um sol brilhando com pássaros cantando. Ele é calmo, de um jeito bom, e sorri enquanto me beija. Eu apenas correspondo, bobo demais para dizer ou falar qualquer coisa.

Muitas coisas passam pela minha cabeça, principalmente quando ele se aconchega em mim e simplesmente fica ali, ainda segurando a minha mão.

— Eu sempre quis fazer isso. — ele diz, tão baixinho que quase penso que é imaginação minha.

— Por que nunca fez?

— Nunca achei que você fosse querer.

— Você é muito burro.

Ele ri e me beija de novo. E de novo. E de novo. E, depois, quando ele se afasta, eu o beijo. Não quero que ele se afaste nunca mais.

# VERMELHO

“coração  
PRA CIMA  
escrito embaixo  
FRÁGIL”  
— PAULO LEMINSKI

YAGO,

Espero que você não me entenda mal e que me desculpe por não estar ao seu lado quando você acordar. Eu gostei de te beijar essa noite, não pense o contrário. Mas é um péssimo momento, tanto para mim quanto para você.

Eu ainda penso no Bernardo e não sei o que fazer sobre isso. Sei que nunca vou poder ter um relacionamento saudável com ele, mas também não consigo me afastar completamente dele. E isso não é justo com você — e nem comigo mesma, pra falar a verdade.

Não pense que eu estou te rejeitando, ou que eu voltaria no tempo e não te beijaria. Mas eu não quero me envolver com ninguém no momento. Principalmente, não quero atrapalhar o nascimento de Dominik. É algo importante para você e eu não quero te incomodar com o meu drama.

Acho que nós dois deveríamos fingir que isso nunca aconteceu, ao menos por enquanto. Vamos falar sobre tudo em um momento melhor, tudo bem?

Eu acho que nenhum de nós está preparado para isso. Foi muito inesperado. Eu nunca imaginei que você me beijaria, não dessa forma.

Espero que me entenda.

Com amor,  
Raví

RAVÍ,

Acho que não sou tão bom escrevendo cartas quanto você.

Está tudo bem, não se preocupe. Nada da sua vida me atrapalha. Eu sempre quero saber tudo sobre você, não pense besteirinhas.

Se você acha que é melhor esperar, eu confio em você. Pensando bem, acho que é um momento ruim também.

Mas saiba que eu sempre vou estar aqui.

Amo você

YAGO,

Eu também amo você.

Obrigado por entender, de verdade.

Você é a melhor pessoa que eu já conheci na vida.

Raví

P.S.: eu vou ser jornalista, preciso escrever bem, né?

1.



EU TENHO MEDO de que Dominik vá desmontar.

Ela parece ser tão... Pequena, frágil, vulnerável. Desde o parto, eu sinto que ela é como uma bomba que preciso cuidar para que não exploda ou se desintegre.

Sempre achei que recém-nascidos têm aparência de um boneco que vai se quebrar a qualquer momento. Toda vez que seguro Dominik no colo, fico aflito. Especialmente agora.

Em pouco mais de um mês, é a primeira vez que fico sozinho com Dominik por mais de três horas. Meu pai, Raví ou Katrina — e, às vezes, a agora namorada de Katrina, Laura — sempre estiveram aqui comigo em algum momento. Mas já é março. Raví e Katrina voltaram a ter aulas na faculdade. Laura trabalha na lanchonete dos pais. Meu pai está dando aulas em uma escola particular há algumas semanas. Todos estão ocupados demais para cuidar de mim ou de Domi por muito tempo.

Minha pequena bomba está dormindo em um canto do sofá, enrolada em uma manta branca com estampa de baleias. Ela não faz barulho algum, mal se mexe. Eu poderia pensar que é um boneco hiperrealista, daqueles colecionáveis — o que, para ser sincero, me dá um pouco de medo.

Apesar da época, está chovendo e um pouco frio. Os dias nessas últimas semanas têm sido assim mesmo: anormais.

Eu olho para o relógio. Quatro da tarde. Dominik não me deu muito trabalho, graças aos deuses. Consegui alimentar, trocar de

fraldas e até brincar um pouco com ela, mesmo sozinho — e com o número do meu pai na discagem rápida.

Ter ele é um alívio. O homem sabe muito sobre como cuidar de crianças. Além de ter cuidado de mim vinte anos atrás, passou os últimos meses pesquisando em livros e sites de procedência duvidosa na internet, quais os cuidados que se deve ter com um recém-nascido.

Não sei o que faria sem ele.

Procuro o controle da televisão por debaixo de uma das almofadas e abaixo um pouco mais o volume, com medo de acordar Dominik.

Ela continua em um sono pesado, aparentemente. Tudo o que ela faz é dormir, comer, chorar e sujar fraldas. Muitas fraldas. Que são caras. Muitas fraldas mesmo. O dinheiro desaparece muito rápido. Meu Deus, cadê o comunismo?

Estou assistindo Mulher Maravilha há quase uma hora, mas não poderia dizer o roteiro do filme se me perguntassem. Minha mente está em outro lugar.

Torço os dedos das minhas mãos, nervoso.

Hoje, antes de ir para o trabalho, meu pai tocou em um assunto que eu estava torcendo para que nós tivéssemos feito um pacto silencioso de não falar sobre.

Mas, aparentemente, ele não recebeu o memorando de que não é para falar sobre o pai biológico de Dominik.

Ele se encostou no batente da porta, às sete da manhã, enquanto eu estava sentado na poltrona confortável da sala e Dominik mamava em minhas tetas como se leite fosse a melhor coisa do mundo.

Pensando bem... Leite é o único alimento que ela conhece, então deve pensar isso mesmo.

— Você não vai mesmo me contar? — Olívio perguntou, com uma xícara de café em suas mãos. Toda manhã ele bebe uma xícara imensa de café preto.

— Contar o que? — perguntei.

— Yago — ele disse meu nome da maneira quando eu era criança e recusava a lavar a louça suja.

— Contar o que? — voltei a perguntar.

— Eu não posso saber quem é o pai da minha neta?

— Eu sou o pai dele.

Ele suspirou, visivelmente cansado daquilo.

— O outro pai da minha neta, então.

— Eu já te falei. — Olhei para baixo, Domi totalmente entretida. Eu era uma máquina de leite para ela. — Não tem porque saber quem é aquele cara.

— Mas ele ainda tem responsabilidades. Ele pode pagar pensão, vai ajudar a cuidar dela.

Olhei para Olívio.

— A gente está precisando de dinheiro?

Ele vacilou.

— Criança custa caro, não se esqueça disso.

— Mas eu não quero nada que venha daquele cara.

— Só pense nisso, tá bem? Você não é o único aqui que tem responsabilidades a serem cumpridas.

Ajeitei Domi em meu colo. Tenho medo de perdê-la, de não ser o suficiente para ela, de não conseguir ser um bom pai. Tenho medo de muitas coisas.

— Tá bem — falei, sem olhar para meu pai. — Eu vou pensar nisso. Mas saiba que eu odeio aquele cara. Ele queria que eu abortasse. A decisão tem que ser minha, não dele.

O homem pareceu um pouco abalado, cansado. Ele fez carinho em Dominik e deu um beijo na testa dela antes de ir para o trabalho.

— Sabe que pode me ligar a qualquer momento — ele disse da cozinha, pegando seus livros e os colocando dentro da mochila. — Qualquer problema, me chame. Domi é mais importante que qualquer aula de gramática que eu tenha que dar hoje.

Meu pai voltou para perto de mim, mas ao invés de beijar a testa de Domi, ele beijou a minha e falou:

— Eu sempre vou estar aqui por você quando precisar. Mas Dominik... É algo que mais pessoas têm responsabilidades, lembre-se disso.

De repente, eu me senti um bebê. Um bebê que teve outro bebê.

Aterrorizador.

Deitado ali, no sofá, com a chuva leve e relaxante ao fundo, penso em como será se quando meu pai voltar a tocar no assunto mais uma vez.

Queria que minha mãe estivesse aqui. Ela faz tanta falta.

Ela saberia o que falar, me daria dicas sobre amamentação, me ajudaria de uma forma que meu pai simplesmente não pode.

Como quem busca me consolar, Dominik acorda e começa a chorar baixinho. Ela é quietinha, na maior parte do tempo.

Com o maior cuidado do mundo, a seguro no colo.

Pelo cheiro, é o número dois.

E lá se vai mais dinheiro.

2.



— MEU DEUS DO céu.

Katrina dá uma risadinha aguda com a minha reação. Laura, que está segurando sua mão, fica com as bochechas levemente avermelhadas. O que é cômico, considerando que ela tem quase dois metros de altura e parece ter o físico necessário para bater em qualquer pessoa sem pensar duas vezes. A ver com vergonha é coisa de outro mundo.

— Gostou? — Katrina pergunta para mim. Está muito claro que não quer uma resposta minha, ela parece muito satisfeita consigo mesma.

As duas estão usando blusas rosa-claro, com um grande coração rosa-escuro estampado. No centro da blusa de Katrina, há uma foto de Laura. Na blusa de Laura, uma foto de Katrina.

Não preciso refletir para responder:

— Eu tenho certeza que vocês mataram no mínimo uns quinze designers no processo. — Apesar disso, gostei do conceito. Tenho uma política pessoal de amar casais LGBTQ+ fazendo breguice, mas não conto isso à elas.

— A gente acabou de pegar na gráfica — Laura comenta. — Foi ideia da minha mãe. Quero dizer, mais ou menos.

— Meus sogros têm uma foto nos anos noventa usando blusas assim — Katrina conta, passando pela porta sem olhar para mim. Ela está usando, mais uma vez, a correntinha de miçangas coloridas no óculos. Desconfio que isso foi presente de Laura. — Cadê a minha bebezinha linda?

Pelas costas de Katrina, eu vejo que atrás da blusa está escrito “K + L = AMOR ETERNO”.

— Jesus, fica pior ainda — digo.

— Esse é o melhor detalhe — Laura fala, um pouco baixo. Ela passa por mim e segue Katrina, que encontrou Dominik deitada no carrinho de bebê no meio da sala.

Eu fecho a porta e sigo as duas.

Katrina está segurando um pequeno brinquedinho de sapinho que faz barulho quando aperta. Dominik dá risadinhas para ela toda vez que ouve o som irritante.

Me sento no sofá, grato por ter outra pessoa para cuidar de Domi também. Eu fico exausto de passar tanto tempo me preocupando com ela.

— Eu senti taaanta falta de você — começa Katrina, apertando levemente as bochechas gordinhas de Domi —, meu pessequinho.

Troco um olhar divertido com Laura. Katrina gosta de inventar apelidinhos.

— Pessequinho? — Laura pergunta. Seu cabelo liso está um pouco molhado, estava garoando há pouco tempo. Ela se senta ao meu lado, os joelhos colados um no outro.

— Pêssego é a fruta com a casca mais linda — Katrina explica, ainda olhando para Domi. — Já repararam? Parece aveludada. E minha bebezinha é linda.

— Sua bebezinha? — pergunto. — Pelo que eu lembro, ela saiu de mim.

— Detalhes, detalhes.

— Ai, Trina — Laura fala. Eu demoro um pouco para perceber que Trina é um apelido para Katrina. — Deixa a criança descansar.

— Ela quer brincar comigo.

Katrina pega minha filha no colo e diz para ela:

— Não quer brincar com a tia, meu docinho?

Eu não sei de onde Katrina tirou que ela é a tia de Dominik, mas não vou questionar.

— Não quer trocar mais fraldas dela também? — pergunto.

— Você sabe que eu não me importo com isso — ela responde, como se não fosse nada. E para ela realmente não é.

Katrina foi quem cuidou dos irmãos mais novos por muito tempo, e também foi ela quem me ajudou a aprender a como colocar uma fralda da melhor maneira.

— Quer pegar ela no colo? — Katrina pergunta para a namorada, balançando levemente Dominik, que enrola o cabelo da tia nos pequenos dedinhos dela.

Laura entra em pânico.

— Não, meu Deus. E se eu derrubar ela no chão?

— Eu penso nisso toda vez que encosto nela — revelo.

— Vocês são uns cagões — Katrina diz.

— Não é minha culpa se todo bebê parece que vai se desmontar a qualquer momento.

Katrina ignora meu comentário, provavelmente me achando bobo demais.

— Enfim — ela diz, se sentando no sofá com Dominik no colo. Ela sequer se importa de Domi provavelmente estar embaraçando seus cabelos. — Como você não pôde ir na apresentação da Laura semana passada, a gente veio mostrar pra você.

— Ah, não precisa ver se não quiser — Laura diz, olhando para mim. — Não é nada demais, eu sequer tive um papel muito grande na peça.

— Eu quero ver — falo. — Faz tempo que não consigo assistir um filme inteiro ou algo assim, Dominik ocupa todo meu tempo.

Laura liga a TV e a conecta em seu celular. Em instantes estamos vendo uma gravação amadora de uma peça de teatro. Está um pouco escuro demais, a imagem distante, meio borrada.

— É sobre o quê? — eu pergunto.

— Ah, uma coisa meio boba — Laura fala. — Uma adaptação de Dom Casmurro, mas o roteiro é meio ruim.

— Mas Laura está ótima. Eita.

No colo de Katrina, Dominik começa a chorar um pouco alto demais. Eu reconheço essa reação como frustração, provavelmente.

Domi estica os pequenos bracinhos para mim.

— Acho que ela está com fome — eu digo. Já faz algumas horas desde que a amamentei.

— Ahhh, o lindo ato da amamentação — Katrina diz.

— Não é tão lindo assim — eu rebato. — É meio dolorido e às vezes sai leite demais.

Aconchego Domi e me sento na poltrona, onde posso reclinar o assento e ficar com a postura da forma mais confortável possível.

Eu fico feliz em poder alimentar ela, gosto dos sorrisos de satisfação. Gosto até quando ela tem pequenos engasgos por beber o leite muito rápido.

— Eu sinto falta quando meus irmãos eram desse tamanho — Katrina comenta.

— Eu espero que ela cresça logo — eu falo, fazendo carinho em Domi.

— Olha, amor, você está ótima nessa cena. — Katrina aponta para a TV, se distraindo completamente.

Laura está ali, com um vestido de época e contracenando com outra garota com um vestido ridiculamente rodado. Katrina começa a elogiar a atuação de Laura, mas ouço algo vibrar.

Eu olho de relance para meu celular, no apoio de braços da poltrona.

Algumas mensagens de... Preciso checar duas vezes.

Infelizmente, são mensagens do Leonardo.

Que merda.

☒ **Oi, você ta aí?**

☒ **Eu fiquei sabendo que a criança nasceu**

☒ **Qual o nome que você escolheu?**

☒ **Dominic**

☒ **?**

Eu ignoro. Volto minha atenção à Dominik. Ela parece estar sempre se divertindo quando se alimenta. Gosto quando ela olha nos meus olhos e dá pequenos sorrisos, como quem diz “eu gosto de você, papai”.

Qual será a primeira palavrinha que vai sair daquela boquinha? Por enquanto são apenas sons incoerentes que os bebês fazem.

Faço carinho na bochecha dela. Sua mãozinha segura meu dedo indicador e o aperta com toda sua força de bebê, enquanto dá uma pequena risadinha.

Meu celular vibra. Olho para o lado.

☒ **Eu quero me encontrar com ela algum dia**

☒ **Não quero ficar fora da vida dela**

Suspiro. Olho para Domi. Ela ainda está se alimentando.

☒ **É o meu direito, Yago**

☒ **Eu sei que você está lendo**

☒ **Eu posso ver**

Quero responder palavras feias para ele. Quero dizer que Dominik tem o cabelo castanho escuro igual o meu, tem o mesmo olho verde que eu, quero dizer que ela não é nada parecida com ele. Inferno, ela tem até aquela pinta estranha na curva das costas indo para a bunda. Ela é uma cópia minha, não dele. Dominik não tem nada dele.

— Você está bem?

Eu me assusto um pouco com a pergunta de Katrina, que está olhando diretamente para mim.

Eu apenas confirmo com um aceno. Porque, não, eu não estou bem, mas não quero falar sobre isso.

— O Raví veio aqui hoje? — Ela se senta na ponta do sofá, o mais perto possível da poltrona. Laura está um pouco distante, se entretendo com um livro infantil cheio de figurinhas que leio para Dominik às vezes.

— Não. Acho que ele está ocupado.

— Hmm.

— Hm o quê? O que é esse som?

— Hmm.

— Não deixe um homem que está amamentando bravo.

— Não é nada, na verdade. Eu só vi o Raví com o Bernardo esses dias. Achei estranho. — ela tomba a cabeça para o lado. — Pensei que eles tinham terminado? Na verdade, eu torci para isso.

— Ah. — É minha única reação. Algo dentro de mim se encolhe de tristeza. — Eu também... Pensei isso. Onde viu eles?

— Em uma sorveteria, conversando. Acho que não era nada demais, sério.

— Hm.

— Vocês andam um pouco estranhos um com o outro, você e Raví. Tem algo que... ?

Katrina não termina a pergunta, mas sei qual resposta ela quer.

Mas não quero falar sobre isso com ninguém. Ninguém sabe que eu e Raví nos beijamos. Ninguém sabe sobre as cartas bobas que trocamos logo depois, que ainda estão guardadas no fundo da minha gaveta. E eu quero que continue assim.

— Deixa isso pra lá — falo.

— Você é meu amigo, jamais vou deixar algo que te incomoda pra lá.

— Não é o momento, Katrina. Sério. Vamos falar sobre isso outro dia.

Katrina suspira. Dominik continua a beber leite. Eu a aconchego melhor em mim, para que fique mais confortável.

Me sinto bem quando Domi está assim, tão pertinho de mim, onde posso ver e tocar ela, onde nada de ruim pode acontecer com meu bebê, porque vou proteger ela custe o que custar.

Meu celular vibra novamente.

Estou pronto para ligar para Leo e mandar ele comer merda, mas é o nome de Raví que aparece nas notificações.

### ✉ **tou indo prai, pode?**

Eu respondo com vários emojis de joinha.

Quarenta minutos mais tarde, é Laura quem abre a porta para que Raví entre.

— Oi, gente — ele cumprimenta todos de uma vez só. — Estão fazendo festa e não me convidaram? Estão todos aqui.

Raví abandonou o laranja no cabelo e coloriu de roxo-escuro. É um pouco menos chamativo, mas ainda assim combina com ele,

mesmo que, toda vez que eu o vejo, penso que essa é uma mudança muito mal planejada no roteiro. Eu sinto falta do laranja. Por muito tempo, foi sua marca. É meio difícil de reconhecer ele agora.

— Shiiiiu — Katrina pede, aos sussurros. — Domi acabou de mimir.

— Mimir — Raví repete, no mesmo tom de voz. — Eu queria estar mimindo.

Dominik está no meu colo, ressonando. Depois de se alimentar e ter a fralda trocada por Katrina, foi meu momento de brilhar e colocar Domi para dormir.

— Que lindinha — Laura comenta.

Eu me levanto devagar, com todo cuidado para não acordar Domi. Dou passos lentos até o quarto, pertinho dali, então a jeito no berço amarelo. Enroladinha na manta de baleinhas, como sempre.

Assim que volto para a sala, ouço:

— Ah, eu queria pegar um pouco ela no colo — Raví lamenta.  
— Mas não vou acordar ela agora — diz, ao ver meu olhar mortal para ele.

— Devia ter chegado mais cedo — eu falo.

— É — Katrina concorda. — Onde esteve?

— Fazendo um trabalho. — Raví coça a nuca. — Precisava...  
Transcrever uma entrevista. Muito chato.

— Ah, que droga.

Eu me sento novamente no sofá.

Mordo o lábio.

Eu poderia apostar que Raví não estava fazendo trabalho nenhum, principalmente considerando o que Katrina me contou. Mas eu não posso cobrar nada dele. Não temos nenhum tipo de relacionamento amoroso. Foi só um beijo.

Só isso.

E é claro que Raví iria preferir Bernardo ao cara que acabou de ter uma filha, está exageradamente sentimental nos últimos meses e precisa passar muito tempo amamentando e trocando fraldas.

E é claro que Raví continuaria a agir daquela forma, ignorando tudo o que aconteceu entre a gente.

Eu sou estúpido. Não deveria ter aceitado aquilo. Não tem como fingir que não aconteceu, meu Deus.

Raví se senta no sofá também, um pouco afastado de mim.

— O que vocês estão assistindo? — ele pergunta.

— A peça que Laura interpretou — Katrina explica. — Vou colocar do começo. Ela é bem boa. Minha princesa deixa ela melhor ainda.

Eu me ajeito no sofá, o celular aberto em minha mão aberto no aplicativo da babá eletrônica.

Pelos próximos vinte minutos, assistimos a peça. Laura aponta uma coisa ali e outra aqui. Katrina diz como Laura é uma ótima atriz. Raví não fala nada. Na verdade, ele sequer olha para mim.

Em algum momento, chegam milhões de mensagens de Leo para mim, tudo ao mesmo tempo:

- ☒ **Escuta**
- ☒ **Eu quero pedir desculpas para você**
- ☒ **Sei que o que eu fiz não foi certo**
- ☒ **Eu me arrependo de ter dito aquilo tudo**
- ☒ **E do que eu fiz e**
- ☒ **Eu deveria ter falado com você mais cedo**
- ☒ **Cedo\***
- ☒ **Dsscukpa**
- ☒ **Descikpa**
- ☒ **Desculps**
- ☒ **Desculpa**
- ☒ **De verdafe**
- ☒ **Mas eu nao quuro deixar voce sozinjo**

- ☒ **Me desvulpa**
- ☒ **Por favor mer responfe**
- ☒ **Por fabor**
- ☒ **Eu posso te ver?**
- ☒ **?**
- ☒ **???**
- ☒ **Yago**

Engulo em seco.

Leio tudo novamente.

Por um momento, toda a raiva que algum dia já senti de Leonardo vai embora.

Discretamente, olho em volta, mas todos estão concentrados no vídeo que passa na TV. Ninguém parece reparar em mim.

Encaro Raví por tempo demais. Ele vira o rosto para mim, mas quando percebe que estou o encarando, desvia o olhar e passa a mão pelo cabelo. O roxo em sua cabeça não é a única coisa que me soa estranha nele ultimamente.

Eu agradeço quando Domi começa a chorar e eu preciso ir até ela.

Sozinho no quarto, penso em como eu e Raví nos perdemos. Fomos de um relacionamento maravilhoso para o relacionamento de dois adultos chatos que não sabem mais como conversar depois que a filha nasceu.

3.



NO DOMINGO À tarde, está apenas Domi, meu pai e eu em casa.

Faz calor, agora parece que realmente estamos em março.

Da sala, consigo ver meu pai na mesa da cozinha. Ele está com várias folhas espalhadas em sua frente. Trabalhos da escola que está corrigindo. Concentrado, a única coisa que faz além de rabiscar com sua caneta é esticar o braço para pegar a velha xícara de café e beber. Ele parou de mascar chiclete a todo momento. Está na fase de se entupir de café forte.

No meu colo, Dominik se entretém com a TV. E um pouco com uma vaquinha de borracha, também. É um daqueles bichinhos feitos para morder, foi Raví quem deu para ela. Eu não vejo muito sentido nesse desenho animado com flores falantes, muito menos em uma vaquinha cuja única função é ser mordida, mas se está distraindo Domi, para mim é perfeito.

Ela coloca a cabeça da vaquinha na boca e a aperta com as mãos. Ao menos esse brinquedo não faz nenhum barulho irritante.

Estou limpando um pouco da baba de Domi com um lençinho quando meu pai se senta ao nosso lado no sofá.

— Eu pedi uma pizza — ele fala para mim, mas olhando para Domi. — Metade napolitana e metade quatro queijos, pra você comer também.

Na gravidez, fiquei muito enjoado de carne. Achei que isso passaria depois do parto, mas não. Tenho comido apenas peixe.

Eu sou um vegetariano pós-gravidez.

— Obrigado — eu digo. — Estou com fome mesmo.

— Já pensou qual vai ser a primeira comida sólida dela? Isso me deixa empolgado.

— Por quê? Eu tenho pensado mais na primeira palavra dela.

Meu pai pega Domi do meu colo para si. Ela faz um som que se parece com “da-da-da-daaa”. Algum dialeto complexo na língua dos bebês, imagino.

Ele a deita em suas pernas e coloca a ponta do dedo na ponta do nariz dela. Por algum motivo, Domi acha isso divertido.

— O que você quer comer hoje, Mini? — Meu pai acha “Mini” um apelido melhor, mesmo que ele seja o único que a chame assim. Ele ainda não gosta do nome que dei à ela. — Quer comer pizza com o papai e com o vovô hoje?

Eu sorrio. É estranhamente bom ser chamado de pai.

Meu coração aperta. Um dia Dominik vai me chamar de pai. Mais que isso, ela vai me reconhecer como pai dela.

Essa é a melhor coisa que já me aconteceu.

Meu pai acha um dos brinquedos de Domi perdido no meio do sofá, um desses que faz barulho ao mexer, como um sininho, e balança na frente dela que estica a mão para o brinquedinho.

Eu me espreguiço no sofá. Minhas costas estão doendo, provavelmente de tanto segurar Dominik no colo.

Alguém bate na porta, de leve. Uma, duas vezes.

— Deve ser a pizza — meu pai fala.

— Eu pego — digo.

Me levanto e caminho até o pequeno corredor ao lado da cozinha, que leva para a porta de entrada.

— Já está paga! — meu pai grita da sala.

Eu giro a maçaneta, esperando receber uma pizza.

Mas recebo um soco no estômago.

Leonardo está olhando para mim. E eu estou olhando para ele.

Ele continua uns dez centímetros mais alto que eu. Magro, com músculos. Branco, bem bronzeado. Com olheiras. Da última vez que o vi, tinha o cabelo preto mas, agora, está loiro. Por algum motivo, isso me irrita.

Meu Deus, o pai da minha filha é um loiro musculoso, estudante de medicina.

O pensamento não faz sentido algum, o que me deixa mais irritado ainda.

Por um momento, nada acontece. Até que ele decide abrir a boca:

— Oi.

Aquilo me faz explodir.

— “Oi”? O melhor que você tem é um oi?

— Eu...

— Como descobriu onde eu moro?

— Isso não é importante.

— Pra você nada é importante o suficiente, não é?

Ele vacila. Desvia o olhar. Me pergunto o que tem causado olheiras nele.

— Yago, me escuta, por favor.

— Eu não quero você perto da minha filha. Sai daqui.

— Yago, eu estou tentando falar com você há dias. Dias. Eu preciso...

— E eu estou protegendo minha filha de você.

— Nossa filha.

Eu dou uma risada amarga.

Ele não vai tentar me corrigir.

Não assim.

Não na minha casa.

— Não era tão nossa filha assim alguns meses atrás, né?

Ele me encara, sem expressão.

— Vai embora — eu digo, firme. — Eu não quero você aqui.

Então, eu fecho a porta na cara dele.

Encaro a maçaneta. Parte de mim quer chamar ele para ver Dominik. Quero que ele veja que criaturinha incrível foi criada dentro de mim.

Quero que ele se arrependa de verdade por ter dito qualquer coisa ruim sobre mim ou minha filha.

Suspiro. Me viro, pensando em dizer para meu pai que foi engano, que eu não conhecia quem bateu na porta.

Mas Olívio está ali, de pé, me encarando, com Dominik em seus braços.

— É ele?

Não olho para meu pai quando respondo:

— É.

4.



DOMINIK NÃO ME deixa dormir.

Mas, mesmo se deixasse, eu provavelmente não conseguiria.

Não paro de pensar em Leonardo. Desde que apareceu em minha casa, horas atrás, tenho esperado alguma mensagem dele, mas nada chegou. Não consigo decidir se é bom ou ruim.

Domi está com uma chupeta amarela na boca, a mesma que Katrina deu de presente meses atrás. Eu tenho quase certeza que li em algum lugar que isso faz mal para bebês mas, no momento, é a única coisa que a impede de chorar — e é só nisso que eu penso.

Estou cansado e frustrado demais para pensar sobre isso.

Honestamente, só quem nunca teve filho diz que nunca daria uma chupeta para uma criança.

Estou sentado na frente do computador, com Dominik em meu colo. Ela enrola seus pequenos dedinhos no tecido do meu pijama.

Pelo canto do olho, vejo que são quase duas da manhã. Coloco uma música instrumental para tocar, bem baixinha. Quase não dá para ouvir. Eu espero que isso a ajude a dormir — outra coisa que li em algum lugar duvidoso da internet.

Quando movo o braço para ajustar a altura do assento da cadeira, Dominik parece se assustar com meu movimento e ameaça começar a chorar.

— Ei, ei — eu digo, num sussurro, balançando-a levemente. — O que você está sentindo?

Ela não me responde, mas seus olhinhos encontram os meus, e é quase como se me respondesse.

— Por favor, eu não sei o que fazer.

Ela se mexe um pouco, parecendo inquieta.

A chupeta cai da boca dela, então eu a ajeito no lugar depois de limpar um pouco da baba.

Em cima do teclado do computador, meu celular vibra. Eu o pego rápido, preocupado que Dominik vá chorar.

Atendo a ligação sem sequer ver quem está me ligando. Quando coloco o celular na orelha, parte de mim espera ouvir a voz de Leonardo, mas é Raví quem fala:

— Por favor, não diz que eu te acordei.

— Raví?! — Não consigo decidir se aquilo é uma pergunta ou não. — O que aconteceu?

— Como assim?

— São duas da manhã, por que está me ligando?

— Hmm. Eu te acordei? Desculpa.

— Não acordou não, você está bem?

— Sim, só pensativa.

Me ajeito um pouco na cadeira. Domi protesta um pouco, mas a chupeta a entretém o suficiente.

— Pensativa?

— É. — Ela respira fundo. — Eu queria... — Do outro lado da linha, ouço um barulho seco e alto. — Ai, droga.

— O que foi?

— Eu derrubei um daqueles bonecos esquisitos que meu padrasto coleciona.

— Tá tudo bem?

— Sim, só... Hã... Espera um pouco, uh... Acho que acordei... Não, mãe... Tá, tá. Tô. Não. Argh. Sei lá. Amanhã... Tá, que saco.

A voz dela fica distante demais por um momento, não consigo ouvir nada claro o suficiente para entender.

Aquilo me dá tempo o suficiente para eu raciocinar porque a voz de Raví parece tão enrolada.

— Desculpa. Minha mãe acordou. Eu...

— Você está bêbada?

— Grrrr. Você também? Eu tenho mais de dezoito anos, sabe.

— Ravi...

— Eu briguei com minha mãe hoje.

— Por quê?

— Porque eu contei para ela que encontrei o Bernardo.

Eu mordo a língua.

A conversa está indo para um caminho que eu não esperava.

— Você... Voltou com o Bernardo?

— Não, meu Deus.

— Ah.

— A gente só conversou. Mas ele ficou irritado. Então eu fui embora.

— Hã.

— Eu falei que queria continuar a ser amiga dele. Mas aí no meio da conversa ele me lembrou porque eu não quero mais ter nada com ele. O cara se irrita com tudo.

Eu fico em silêncio, sem saber o que dizer.

No outro lado da linha, ouço uma porta se fechar.

— Yago.

— Oi.

— Me desculpa.

— Pelo quê?

— Eu prometi que ajudaria a cuidar da Domi, mas tenho sido tão distante. Não era pra ser assim.

Aquilo me pega em cheio.

Na verdade, Ravi tem sido bem presente, mas não tanto quanto eu achei que seria.

Ela estava lá no dia do parto, na sala da maternidade, estava lá no dia em que Dominik fez seu primeiro cocô, no dia em que eu chorei de frustração porque ela não dormia de jeito nenhum... Mas nunca estive aqui para conversar sobre como eu me sentia, sobre como eu estava lidando com tudo, ou para conversar sobre qualquer coisa que não fosse quem iria trocar a próxima fralda.

— Você não tem que pedir desculpas sobre nada — eu falo, sincero.

— Eu não quero mais fingir que nada aconteceu, Yago.

— Nada o quê?

— Por favor, não finja que não sabe do que eu estou falando. Eu me arrependo muito, muito mesmo, de ter proposto pra gente agir como se nunca tivesse acontecido.

Eu tenho medo de falar alguma coisa e estragar o momento, então fico em silêncio.

Olho para Dominik.

Segurar ela por tanto tempo em um braço só está começando a me incomodar, mas não faço nada sobre isso.

— E eu me arrependo de ter concordado — murmuro.

— Eu... Merda, são quase três da manhã. Eu te acordei, não acordei?

— Na verdade, não. Dominik estava chorando agora a pouco. Ela não me deixa dormir.

— Como ela está?

— Acho que dormiu demais o dia todo, está um pouco agitada. Hã... Ravi?

— O que foi?

— Eu... Hm, na verdade tem uma coisa que eu queria falar com alguém. E acho que você é a melhor pessoa pra isso.

— O que é?

Mais tarde, Dominik está dormindo, mas eu ainda estou acordado, com a cabeça agitada demais para fechar os olhos.

5.



SÃO DUAS E cinquenta e três da tarde. Dois minutos a mais desde a última vez que eu olhei para o relógio.

A casa toda está em silêncio. Estou nervoso demais para raciocinar direito, mas tem uma vozinha na minha cabeça dizendo que estou fazendo besteira e talvez ela esteja certa.

Passo a mão pelo meu cabelo, sentindo que ele está grande demais, na altura do ombro já. Preciso cortar.

Sem perceber, estou apertando com força demais meu celular entre os dedos.

Abro o aplicativo da babá eletrônica. Encaro a imagem de Dominik dormindo no berço. Tem alguns bichinhos que ficam pendurados no berço, acima dela, e dá pra ver parte deles pelo ângulo que deixei a câmera.

Domi dorme profundamente com a expressão de quem não tem problema nenhum no mundo — e ela realmente não tem.

Eu dormi, no máximo, três horas hoje. Estou cansado demais, mas minha cabeça está a mil. Eu deveria chamar alguém para ficar comigo? Talvez Katrina, Raví, ou mesmo Laura?

Bloqueio a tela do celular. Se Dominik começar a chorar, ou fazer qualquer barulho, vou ser avisado. Mas, mesmo assim, quero ver ela ao vivo agora.

E eu preciso chamar alguém de confiança para estar comigo aqui.

Vou ligar para Raví, decido.

Assim que dou o primeiro passo para o quarto de Domi, alguém bate na porta da frente.

Eu paro, por um momento, considerando fingir que não estou em casa. Talvez...

Não. Preciso fazer isso.

Mas preciso fazer com precaução.

Desbloqueio a tela do celular. Digito rápido:

☒ **chamei o leonardo pra vir pra cá agora**

Envio a mensagem para Ravi e vou até a porta.

Assim que giro a maçaneta, Leo me olha. Não sei qual dos dois está mais perdido.

Ele está vestindo uma camiseta azul marinho e jeans claro. Tem um piercing na orelha, que eu só reparo que existe agora.

Dou espaço para ele entrar, em silêncio.

— Eu não me atrasei, né?

— Não — eu digo, ainda sem saber muito bem como agir. Ele me disse que chegaria por volta das duas, e aqui está ele. — Pensei que talvez você não viesse.

Ele está olhando ao redor do pequeno apartamento, como quem busca cada detalhe do lugar, mas para assim que me ouve confessar aquilo.

— Por quê? Eu falei que viria. Eu quero ver a... Dominik. É Dominik, né?

— É, sim.

— Eu vi no seu Instagram. — Por um instante, imagino Leo me stalkeando, vendo as fotos de Domi que postei. — Eu comprei isso. Pra ela.

Ele estende uma pequena caixinha preta em minha direção. Na tampa, tem a logo de uma joalheria que eu não conheço.

Eu pego a caixinha, surpreso.

Dentro dela tem uma pulseira minúscula, ideal para o pulso de um bebê.

É dourada, parece ser feita de ouro. Tem uma pequena placa retangular, com dois corações gravados, e escrito, em letra cursiva, “Dominique”.

Eu pisco, tentando decidir se corrijo a gramática dele ou não. Estou bravo por ter errado o nome de Dominik, mas também estou tocado por ele ter comprado a joia, que não tem cara de bijuteria barata.

Levanto o rosto, pronto para dizer “é com K”, mas algo me impede.

— É lindo, obrigado — falo.

Ele coloca as mãos nos bolsos.

— Não é nada. Eu queria, hã, dar algo pra ela.

Leonardo parece estranho demais ali, no meio da minha casa. É como um trecho de um livro que preciso ler duas, três vezes e mesmo assim não entendo.

— O que te fez mudar de ideia? — pergunto, fechando a caixinha com a pulseira dentro. — Eu achei que você não queria ter nada a ver com Domi.

Ele tira as mãos nos bolsos e cruza os braços. Olha para o chão. Percebo que a raiz de seu cabelo precisa ser feita, dá para ver vestígios de seu cabelo castanho.

— Muitas coisas, na verdade.

Ele morde o lábio. Não parece que quer falar sobre.

Mas eu não estou interessado em deixar aquilo fácil para ele.

— Eu tenho tempo — digo, embora não tenha tanto tempo assim.

Ele me olha.

— Eu descobri que sou adotado.

A informação parece estranhamente aleatória.

— Ah. — É tudo o que tenho a dizer.

— Meu pai... Hum... — As olheiras dele parecem mais profundas desde a última vez que o vi. — Eu descobri que o tipo sanguíneo dele é A positivo, mas o da minha mãe também é. E eu sou B positivo. Não tem como eu ser filho deles, é geneticamente impossível... Eles esconderam isso de mim por vinte e cinco anos. Eu... Eu descobri por acidente.

Não sei o que falar, então não digo nada.

Ele passa a mão na nuca, cansado.

— Isso aconteceu meses atrás — diz. — Mas nós estamos discutindo desde então porque ele não quer me contar quem são

meus pais de verdade.

— Acho que, se te criaram, eles são seus pais de verdade.

— É. — ele vacila, trocando o peso do corpo de um pé para outro. — Tenho pensado nisso. E aí eu vi as fotos da... Dominik e pensei: será que eu quero que ela não tenha nenhuma memória de mim assim como eu não tenho dos meus pais biológicos?

Eu aperto a pequena caixa da joalheria na minha mão, pensando se pena e remorso são realmente um bom motivo para ele estar ali.

— Quero fazer a coisa certa — ele continua, olhando para mim. — E eu quero... Quero me desculpar por tudo o que eu falei. Nunca pensei que isso aconteceria, sabe? Eu sempre soube que sou gay, nunca me vi tendo filhos biológicos por acidente, porque eu sempre gostei só de homens. E não é algo que eu já tenha visto acontecer antes.

— Leonardo, se você veio até aqui falar que homens não podem engravidar, é melhor você ir embora.

— Não, não! Droga, não é isso que eu quis dizer...

— Tá, tá. Eu entendi. Te pegou de surpresa. Mas você acha que eu não fiquei surpreso? Não é como se eu tivesse planejado. A diferença é que você pôde fugir disso.

— Yago, eu realmente sinto muito.

Eu solto um suspiro.

— Você já disse isso, tipo, várias vezes — falo. — Não precisa repetir.

— O que eu posso fazer pra me redimir?

— Não sou eu quem tem que decidir isso. Você não pode simplesmente...

Eu paro de falar. No bolso da minha bermuda, o aplicativo da babá eletrônica avisa que Dominik está chorando. Ele reproduz o choro um pouco baixo que vem de outro cômodo.

Sem olhar para Leonardo, passo por ele e vou até meu quarto, onde está o berço de Domi.

Ela faz um barulho que soa como “ga-ga-gaaa” quando chego perto. Está um pouco agitada, abre e fecha as pequenas mãozinhas várias vezes, como tem feito muito.

Eu a pego no colo, preocupado. Ela diminui o choro, o rosto colado no meu ombro. Dou um beijo em seu rosto, balançando-a levemente, como sempre faço quando preciso acalmá-la.

O cheirinho de Dominik — eu juro, ela tem um cheiro próprio, saberia distinguir à distância — me deixa mais calmo. É como se eu estivesse completo novamente.

Domi vira o rosto para o lado e faz “ga-ga-da”, uma evolução em seu dialeto.

Eu olho para onde ela está olhando e vejo Leonardo, no batente da porta, olhando incerto para nós dois.

— Meu Deus — diz. — Ela é enorme.

— Ela mal tem dois meses — digo.

— Ela... Parece que ela cresceu tanto.

Eu olho para Domi, que está com o dedo na boca.

Não sei até que ponto deveria acreditar em Leonardo, muito menos se ele está realmente arrependido. Eu nem ao menos sei dizer as reais intenções dele.

Mas, por Dominik, preciso dar uma chance.

— Você quer segurar ela um pouco?

6.



QUANDO O RELÓGIO aponta que são seis horas, estou sozinho com Dominik.

Leonardo já foi embora há algum tempo, mas ainda sinto sua presença aqui.

Em dias normais, meu pai já estaria em casa, mas hoje tem reunião do AA, então vai demorar um pouco mais.

Agora, alimentada e com uma fralda nova, Domi está deitada no berço. Toda vez que ela mexe o bracinho esquerdo, a pequena pulseira de ouro dela parece brilhar para mim.

Eu ainda não me acostumei com isso. Primeiro porque nunca tinha colocado uma joia nela — sequer furei a sua orelha —, segundo porque aquilo me lembra de Leo de uma forma que não sei explicar. É bom e ruim ao mesmo tempo.

Quando Leonardo pegou Domi no colo, me senti extremamente vulnerável. Ela também, aparentemente. Começou a chorar pouco tempo depois, se acalmando só quando a peguei de volta.

Isso me deixou feliz, de certa forma. Leo vai ter que conquistar Dominik. Não pode simplesmente chegar na vida dela e achar que já está tudo bem.

Eu giro os bichinhos pendurados no berço. Eles fazem um barulho suave, como uma melodia doce. Domi parece gostar. Ela dá uma risadinha.

Algumas batidas na porta da frente me lembram que estou esperando Raví. Sinto um frio na barriga. Pego Dominik no colo e

sigo em direção à porta.

Raví ainda está com a mochila da faculdade nas costas. Ele estica o braço e pega Domi de mim, que o recebe muito calorosamente. Ela parece gostar de Raví desde sempre — ao menos, mais do que gosta de Leonardo.

O cabelo curto e roxo parece um pouco desbotado desde a última vez que o vi, mesmo que tenha sido há poucos dias atrás.

— Oi, bonequinha — ele diz para Domi. — Por que você está sempre tão quentinha?

Em resposta, Dominik coloca a mão na própria boca.

— O seu pai não te dá chupeta mais não? — A pergunta é para mim, mesmo que não esteja olhando em minha direção.

— Às vezes — eu respondo, enquanto nós vamos em direção à sala. — Mas eu tenho certeza que muita gente fala que faz mal, então... Não sei.

— Besteira.

Raví se senta no sofá, com Domi no colo. Dá um beijo em seu ombro, de forma paterna, então pergunta:

— Que isso?

Ele está segurando o pequeno bracinho de Domi, que exhibe sua nova pulseira.

— Dominique? Sério?

— Leo quem deu — explico, me sentando ao seu lado.

— Ele sabe que está escrito errado?

— Acho que não.

Raví ergue as sobrancelhas para mim.

— Eu não quis contar para ele. Não pareceu certo, não no momento. Dizem que o que importa é a intenção, né?

— Hmmm — Raví resmunga. — Pode ser. Como foi? A visita dele, digo.

— Meio estranha. Ele parece... Perdido? Mas como eu te falei de madrugada, quero dar uma chance para ele. E, hum... Não quero decidir por Domi quem ela pode conviver ou não.

Raví não responde. Ele se ajeita no sofá, deixando Dominik deitada em seu colo. Ela está vestindo um macaquinho lilás bem clarinho, que estranhamente combina com o cabelo de Raví.

— Desculpa ter te ligado tão tarde — ele fala, segurando a mãozinha de Domi e brincando com seus dedinhos. — Você está com cara de quem não dormiu quase nada.

— Você também. Mas não tem problema. Passei muito tempo pensando nessa madrugada.

— Ah, é?

— Sim. Muito.

— Pensando sobre o que?

— Tudo.

Ele me olha de relance, então volta a atenção para Domi.

Eu chego mais perto. Passo levemente os dedos pelos finos e poucos fios de cabelo que estão crescendo em Dominik. Pretos, iguais os meus.

— Ela parece tanto com você — Raví diz.

— Isso me assusta, às vezes.

— Por quê?

— É estranho pensar que ela é meio que uma parte de mim.

— Talvez seja por isso que eu gosto tanto dela.

Não sei o que responder sobre isso. Odeio como Raví me deixa sem fala.

Olho para ele. Parte de mim tem consciência de que estou com o rosto vermelho. Outra parte decide ignorar isso. Fico aliviado que Raví ignora isso também. Ele apenas dá um pequeno sorriso e pergunta:

— Já jantou?

— São seis horas ainda — falo. — Quem janta tão cedo?

— Só pra checar. Quero fazer panquecas pra você.

— Sério?

— Sim, descobri uma receita de panqueca de brócolis que parece muito boa. Tem brócolis, né? Se não eu vou até a esquina comprar.

— Tem, sim. Eu como quase todo dia.

— Perfeito.

Raví me entrega Dominik e vai até a cozinha como quem está acostumado com o lugar — e ele realmente está.

— Você quer ajuda? — eu pergunto.

— Não precisa. Sou um chef autônomo.

Em meu colo, Domi enrola seus dedinhos no tecido de minha regata. Ela olha em meus olhos. Os mesmos olhos verdes que eu tenho. Ela não fala nada, mas é como se falasse.

Eu sorrio, por um momento sem saber o porquê.

Mas então percebo.

Estou com minha família.

Meu sorriso aumenta.

# AGRADECIMENTOS

Esse livro foi uma jornada de anos.

Ele começou a ser escrito em dezembro de 2019 e, de lá pra cá, muita coisa mudou. Eu já estava com o projeto finalizado quando recebi o convite da Caligari para publicação. Mas um livro nunca está terminado quando você dá oportunidades a um escritor. Reescrevi muita coisa, adicionei outras, excluí trechos.

Trabalhei por muito tempo, mas não sozinho. Olhando para trás, eu percebo como nunca estive sozinho, mesmo que o livro tenha sido escrito apenas com a companhia de uma xícara de café fria.

Eu não poderia ser mais grato por todos que se envolveram no projeto de alguma forma e, especialmente, àqueles que acreditaram que a minha história era uma boa história.

O meu mais sincero obrigado à Nathalia e Juliana, que desde sempre foram tão gentis e atenciosas que, mesmo enquanto escrevo isso, não acredito que fui abraçado por uma editora com uma equipe tão incrível.

O meu maior carinho e apreciação à Emy, Fabrício e João — meus parceiros de projeto! Trabalhar com vocês está sendo a melhor jornada que eu poderia ter.

Um abraço aconchegante para Anita e Calisto, escritores incríveis e dois dos maiores amigos que eu já tive na vida toda. Eu jamais teria escrito nada disso se não fosse o apoio incondicional de vocês. Muito obrigado, de verdade. Quero levar vocês para o resto da vida.

Gostaria de poder abraçar também cada um dos meus filhos espalhados pelo mundo. Vocês sabem quem são, então sintam-se abraçados. Vocês são demais, a melhor família que alguém poderia ter. Eu amo cada um de vocês.

Com amor,  
Ariel F. Hitz



Fabrizio Fonseca

# TODOS QUEREM (MUITO) BEIJAR O KARL



# Todos querem (muito) beijar o Karl

Fonseca, Fabrício

9786589476498

170 páginas

[Compre agora e leia](#)

Apesar de ter o nome de uma pessoa um tanto quanto famosa, Karl sempre se orgulhou por ser um total anônimo para todos os seus colegas. Integrante do Clube de Teatro, ele ama ficar nos bastidores, escrevendo peças e sendo assistente das produções de sua melhor amiga, Maria Fernanda. A vida de Karl vira do avesso quando um vídeo dele se torna viral entre todos da escola: no vídeo Karl fala sobre os vários momentos de sorte em que está envolvido, e apesar de ter dito isso como brincadeira, de repente todos parecem acreditar na história de que ele é o dono de um grande beijo da sorte. Em paralelo a tamanha

confusão, Karl precisa lidar com um projeto importante que fará com Marcos e Isabela, dois colegas que sempre o deixaram meio intimidado com sua presença marcante. O tempo que passa com os dois pode acabar fazendo com que novos sentimentos surjam para Karl, mas o mais complicado vai ser quando ele estiver de cara com um dilema: será que ele precisa escolher entre Isabela e Marcos? Em uma mistura muito louca de humor e romance, "Todos Querem (Muito) Beijar O Karl" é uma história divertida sobre como uma fofoca pode mudar a vida de uma pessoa e sobre como a única regra para o amor, é senti-lo.

[Compre agora e leia](#)

*borboletas  
pra lá e pra cá*



JULIANA REIS

# Borboletas pra lá e pra cá

Reis, Juliana

9786589476085

92 páginas

[Compre agora e leia](#)

Algumas pessoas recebem o amor de braços abertos quando ele bate à porta, outras se escondem atrás do sofá com uma frigideira em mãos, achando que é um estranho pronto para bagunçar tudo. E às vezes, realmente é. Laís Monteiro, uma adolescente de 17 anos, encara diversos bloqueios quando se trata desse assunto. Lidando com um turbilhão de responsabilidades da vida adulta antes do tempo, ela não se permite sentir nada muito intenso após aprender, ainda muito nova, a viver por conta própria devido a ausência de seus pais. Agora, sua única família são as melhores amigas e os motoristas de ônibus, pelos quais ela nutre um carinho imenso.

Assim que uma parte de sua vida muda, todo o resto resolve ficar de pernas pro ar. O amor vem até Laís quando uma menina se muda para a cidade, entrando em sua vida sem nem pedir licença e enchendo sua mente de confusões. Junto com a gatinha Nina, pijamas de patinhos e muitas fornadas de bolo de chocolate, Laís tenta lidar com esses novos sentimentos. Principalmente, com as borboletas em seu estômago. Pra lá e pra cá.

[Compre agora e leia](#)

Ricardo Labute Gondim

# PANTOKRÁTOR



# Pantokrátor

Gondim, Ricardo Labuto

9788594496751

120 páginas

[Compre agora e leia](#)

No mundo em que a Imersão Digital Integral, o suicídio e a música de Wagner estão em moda, ele foi chamado a investigar um caso de adultério. Quando percebeu, estava implicado com a força mais poderosa do planeta: tecnopoder autotélico. O controle do indivíduo e da sociedade pelos algoritmos. Uma potência muito acima dos bancos, das corporações e do Estado. Para sobreviver, será preciso imergir no submundo do Rio. Enfrentar o Regime, os neo-ortodoxos, a milícia e a ambição das máquinas. Mesmo sabendo que é impossível vencer. - Ricardo Labuto Gondim é um dos maiores escritores de ficção científica brasileira da atualidade, vencedor

do Prêmio Odisseia da Literatura Fantástica e  
finalista prêmio Argos.

[Compre agora e leia](#)

*Júlio Emílio Braz*  
*Victor Moura*

**HISTÓRIAS  
DE  
TERROR**



# Histórias de Terror

Braz, Júlio Emílio

9786589476207

56 páginas

[Compre agora e leia](#)

Três histórias em quadrinhos de terror, escritas pelo mestre Júlio Emílio Braz, um dos maiores nomes do quadrinho nacional de terror dos anos 1980. Cada uma delas traz um final surpreendente agradando aos amantes desse gênero. Júlio em 1988 recebeu o Prêmio Jabuti por seu primeiro livro Saguairu. Em 1990 escreveu roteiros para o programa Os Trapalhões, da TV Globo, e algumas mininovelas para a televisão do Paraguai. Em 1997 ganhou o Austrian Children Book Award, na Áustria, pela versão alemã do livro Crianças na Escuridão (Kinder im Dulkern), e o Blue Cobra Award, no Swiss Institute for Children's Book. Os desenhos foram realizados pelo Victor Moura, que

possui um traço peculiar, lembrando Mike Mignola e Flavio Colin. Segundo Ziraldo "Victor Moura domina todos os segredos do desenho: a construção cênica de cada quadrinho, a iluminação de cada cena, o ritmo da narrativa, a gestual dos personagens, esses detalhes todos que realizam o artista naquilo que ele se propõe a fazer". Seu trabalho internacional inclui "27, A Comic Anthology" para RedStylo e, mais recentemente, uma história chamada "Flying Coffin" para o projeto "Fantasmagória" das Starburns Industries (empresa que faz o desenho animado "Rick and Morty"). Foi vencedor do prêmio Le Blanc com o quadrinho Bartolomeu.

[Compre agora e leia](#)



# A Mão que Pune - 1890

Aragão, Octavio

9788594496782

108 páginas

[Compre agora e leia](#)

## **VENCEDOR DO PRÊMIO ARGOS DE MELHOR ROMANCE DO ANO**

Em "A Mão Que Pune - 1890", a missão de Angelo Agostini e sua gangue de párias imaginários serve de eixo a uma jornada insólita. Dos céus do Brasil às catacumbas de Paris. Do presidente Julio Verne ao Imperador Pedro II. De Mary Shelley a Machado de Assis. "A Mão que Pune – 1890" é uma jornada cheia de mistérios no melhor estilo steampunk, escrita pelo professor Octavio Aragão, um dos maiores nomes da ficção científica do Brasil.

[Compre agora e leia](#)